

ALINE PÁDUA

o MELHOR
amigo
DO MEU
IRMÃO

A REJEIÇÃO



ALINE PÁDUA

o MELHOR
amigo
DO MEU
IRMÃO
A REJEIÇÃO

Copyright 2021 ©

1º edição – maio 2021

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A ALINE PÁDUA

Sumário

[Nota](#)

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[O momento que ela soube](#)

[Contatos da autora](#)

Nota

Essa história tem me acompanhado desde o momento que ouvi o álbum RED da Taylor Swift em 2012. Nunca soube ao certo, quando, conseguiria reunir todos os sentimentos que queria, e trazer algo que pudesse, relembrar a esse álbum, nem que fosse um pouquinho. *Mas aqui está!* Se você é fã da Taylor, com toda certeza, pegará todas as referências e crossovers de eras diferentes dela com Red.

Gabriela e Antônio tem por objetivo de levar a um clichê que a gente sempre vê nos filmes, livros e músicas. No caso deles, consigo imaginá-los em uma sessão de tarde. Quem sabe, com um toque de drama, porque né, tendo Taylor Swift e Marília Mendonça na playlist de uma história, não tem como ser diferente.

Espero que esse livro seja um respirar profundo durante esse momento tão difícil.

Boa leitura,

Aline Pádua

Dedicado aos meus leitores,
por sempre acreditarem nos meus projetos menos esperados.



22 – Taylor Swift

All Too Well – Taylor Swift

Bebi, liguei – Marília Mendonça

Begin Again – Taylor Swift

Caso Indefinido – Cristiano Araújo

Come Back... Be Here – Taylor Swift

deja vu – Olivia Rodrigo

driver's license – Olivia Rodrigo

Escreve aí – Luan Santana

Eu Sei De Cor – Marília Mendonça

Everything Has Changed (feat. Ed Sheeran) – Taylor Swift

Girl At Home – Taylor Swift

Heartbreak Anniversary – Giveon

Holy Ground – Taylor Swift

I Almost Do – Taylor Swift

I Knew You Were Trouble – Taylor Swift

it's time to go – Taylor Swift

Like I Want You – Giveon

Mrs Perfectly Fine – Taylor Swift

Notificação Preferida – Zé Neto e Cristiano

Obrigada por estragar tudo – Marília Mendonça

Red – Taylor Swift

Sad Beautiful Tragic – Taylor Swift

Starlight – Taylor Swift

State Of Grace – Taylor Swift

Stay Stay Stay – Taylor Swift

Stuck On You – Giveon

The Last Time (Feat. Gary Lightbody) – Taylor Swift

The Lucky One – Taylor Swift

The Moment I Knew – Taylor Swift

Treacherous – Taylor Swift

We Are Never Ever Getting Back Together – Taylor Swift

You All Over Me – Taylor Swift

Sinopse

Gabriela Moraes era apaixonada pelo melhor amigo do irmão mais velho desde os quinze anos. Antônio era mais do que o seu sonho de consumo, ele também era a pessoa com quem ela sempre pode contar. O que ela não imaginava, era que no seu aniversário de dezoito anos, ela seria rejeitada da forma mais fria por ele.

Dois anos depois e ele bate à sua porta.

Ela queria não sentir nada, e não sabia o que ele fazia ali. Porém, sabia que, nunca mais, lhe daria a chance de quebrar seu coração.



“E você me olha com essa carinha banal de "me espera só mais um pouquinho"
Querendo me congelar enquanto você confere pela centésima vez se não tem mesmo
nenhuma mulher melhor do que eu. E sempre volta.”

Tati Bernardi

Prólogo

“E era como em câmera lenta

Parada lá em meu vestido de festa

Com batom vermelho

Sem ninguém para impressionar”^[1]

Gabriela

Eu tinha completado os dezoito anos.

Soltei o ar que mal sabia que segurava e sorri em seguida, procurando-o novamente pelos convidados. Avistei meu irmão próximo a uma das mesas, onde seus amigos estavam, e vi-me, visualizando-o bem ali. Ele sempre estivera ali.

Antônio Novaes era o melhor amigo do meu irmão mais velho, e não me recordava se em algum momento o deixou de ser. Ele estava tão presente em minhas memórias, como Fábio, no entanto, tudo mudara de figura quando se tratava dele. Lembrava-me perfeitamente do momento em que me apaixonei perdidamente. Fora como se meu coração o escolhesse como seu e tinha a certeza que nada o tiraria dali. Nem mesmo que ele se negasse a sentir o mesmo.

Eu tinha quinze anos na época e apenas me lembrava de correr até ele, um cara de vinte e três anos, que com toda certeza, me enxergava apenas como a irmãzinha do melhor amigo, e praticamente roubar um selinho. Até aquele exato momento, era como se pudesse sentir o gosto dele em mim. Fora rápido e superficial, mas dera a certeza que meu coração estava certo ao escolhê-lo.

Olhá-lo a partir daquele dia, nunca mais foi a mesma coisa.

Eu estava no meu melhor vestido e na expectativa de que aquela noite fosse perfeita. O meu batom vermelho impecável e os saltos que me permitiriam abraçá-lo com mais afinho. Faziam alguns meses que não o via, e se devia ao fato de ter viajado muito por conta de uma promoção no trabalho. contei os dias para fazer os meus sonhados dezoito anos e finalmente, poder transformar aquele selinho de três anos atrás, em algo real.

Em algo nosso.

— Gabi, hora do bolo! — Ane, minha melhor amiga falou ao se aproximar e neguei de imediato. Ela me olhou com pena e fiz-me de ofendida.

— Ele deve ter tido algum problema. — falei, pois era a realidade.

Nunca, desde os meus cinco anos, Antônio não esteve presente em um aniversário meu. Ele sabia o quanto aquela data era importante para mim. E mais, o quanto eu sempre esperei por ele. Mesmo quando não era apaixonada. Ele era meu amigo, antes de qualquer coisa. Ele sempre foi o cara que me ajudou a apagar as velas, junto ao meu irmão.

— Amiga, você sabe que eu adoro essa fanfic, mas... — olhei-a com repreensão. — Desculpa, mas ele não vai vir.

— Como pode ter tanta certeza? — indaguei de imediato, notando a seriedade em sua voz e ela tirou o celular do bolso traseiro, estendendo-o em minha direção.

— Sei que ele não tem rede social, mas...

— Do que está...

Minha pergunta morreu no segundo em que meus olhos bateram na imagem de casal sexy em uma balada. Não dava para ver o rosto dele, mas eu reconheceria o relógio do pulso esquerdo, que estava envolto da cintura

dela, em qualquer outro lugar. Lembrei-me até de como ele dizia que aquele relógio não era o item mais caro que alguém poderia desejar, mas significava muito mais do que qualquer dinheiro. Era um relógio de família, que ele recebera do avô no aniversário de dezoito anos.

Eu estava lá.

E ele não estava ali.

Virei meu olhar para Ane e tentei disfarçar, mas senti que iria me desfazer ali mesmo. Rumei em direção as escadas, e parti diretamente para o primeiro banheiro que encontrei. Tranquei-me lá dentro, e disquei o número dele pelo celular de Ane. Ele não tinha me atendido, mesmo depois de cinco ligações. Imaginei que estivesse corrido no dia. Eu imaginei *tudo*, menos que estaria discando o número dele pelo telefone de minha melhor amiga, enquanto me trancava dentro do banheiro e minha festa de dezoito anos acontecia.

— *Antônio*.

O fato de ele ter atendido após dois toques, demonstrava que o problema não era de falta de tempo.

— Onde você está? — perguntei e engoli o choro. Depois de tanto tempo acreditando que faltava apenas a maioridade para que ele me olhasse, vi-me entendendo que talvez não fosse aquilo.

Talvez não fosse o número ou a diferença de idade.

— *Quem é? — o fato de ele não reconhecer minha voz ao telefone, mesmo depois de tantos anos, partiu-me por inteira.*

— A irmã mais nova do seu melhor amigo. — respondi, começando a tremer e me segurando para não chorar. — Você nunca faltou a um aniversário meu, por que...

— *Feliz aniversário, menina.*

De repente, era como se o apelido escorresse de sua boca em tom de obrigação. Vi-me pensando em todo o tempo em que estive junto a ele, e indagando se não fora exatamente aquilo.

— Por que não está aqui?

— *Porque eu sei exatamente como me olha. Na realidade, desde aquele selinho estúpido que me deu. — engoli em seco e não tive palavras para retrucar. — Não vou mais iludir sua mente de que o fato de ter dezoito, vai me fazer olhá-la como mulher. É apenas a irmã mais nova do Fábio para mim, e sabe muito bem disso.*

— Eu vejo como me olha! — rebati, tentando me agarrar ao que fosse. Sabia que não poderia sentir tudo aquilo sozinha. *Eu podia?*

— *Está acostumada a ter tudo, mimada como sempre foi... Mas eu não sou algo que pode comprar. E eu não sinto nada além de carinho por*

você.

— Eu sei que...

— *Eu sei que tenho que ir. Não vou estar na sua festa e um dia, vai me agradecer por estar te deixando livre dessa fantasia que criou sobre nós.*

— Mas eu te amo, Antônio. Se já notou o que sinto, sabe que não é algo que posso simplesmente fingir.

— *Sei que vive na ilusão desse sentimento. Não sou seu amor e nunca vou ser. — paralisei diante de cada palavra. — Está na hora de crescer, menina.*

Tirei o celular da orelha e ouvi-o chamar meu nome, mas apenas, desfiz a ligação. Era como se entrasse no piloto automático. Levantei-me e encarei meu reflexo. Cuidei como pude da maquiagem e forcei um sorriso. Assim que abri a porta e dei de cara com minha melhor amiga e meu irmão discutindo, permaneci com o sorriso.

— Obrigada. — falei, dando-lhe o aparelho e peguei o braço de meu irmão, fazendo-o seguir comigo em direção a festa.

— Maninha, o que...

— Meu aniversário, minhas regras. — rebati e sorri abertamente, enquanto meu coração sangrava. Todas as palavras duras e certeiras de

Antônio me atormentando. — Vamos cortar o bolo e vocês vão me levar para uma noite de bebedeira.

— Mas você odeia cerveja, uísque... — meu irmão se manifestou e minha amiga passou a nossa frente, olhando-me significativamente.

— Ela nunca bebeu tequila.

— Tequila então! — praticamente gritei e descemos as escadas.

No momento dos “parabéns”, tentei segurar a emoção, ao mesmo tempo que a dor de ter meu coração pisoteado não poderia mais ser resguardada. Deixei algumas lágrimas descenderem, e no segundo em que soprei a vela, fiz um pedido que nunca antes tinha se passado por minha pobre mente.

Eu desejei esquecer Antônio, de vez.



Eu já estava na sexta... ou seria décima dose de tequila?

Ri alto, enquanto espremia o limão sobre a bancada da cozinha e

notava minha melhor amiga no meio da sala de estar do meu irmão, dançando e cantando alto, enquanto o mesmo não tirava os olhos dela. Talvez eu estivesse tão bêbada a ponto de começar a enxergar coisas onde não existiam.

Afinal, enxergava amor onde não existia até mesmo sóbria. Ri de mim mesma, e me levantei, dando uma voltinha no lugar, enquanto cantava sozinha. Felizmente, tínhamos apenas passado em um supermercado para comprar as bebidas e ali estávamos. Meu irmão também parecia alterado, e com toda certeza, uma das garrafas vazias se devia a ele e Ane. Eu não deveria ter ajudado muito e já sentia meu corpo mais leve.

O único problema era que mesmo bêbada, de um jeito bom, que nunca imaginei estar, a vontade de chorar e ligar para Antônio querendo mandá-lo para o inferno, ainda permanecia. Não havia falado sobre o porquê de estar mal ou querer beber, e meu irmão respeitara o momento, talvez porque ele sabia da nossa regra fundamental durante o dia de cada um: meu aniversário, minhas regras.

Ele me interrogaria depois, mas como me conhecia melhor do que mim mesma, com toda certeza, já deveria saber que meu coração seria quebrado pelo melhor amigo dele. *O que ele poderia fazer, afinal?*

Escutei o barulho da porta da frente sendo aberta, mas jurei que era

o efeito de álcool me fazendo, mais uma vez, enxergar algo que não existia. Quando me virei em direção a porta, o olhar castanho escuro parou no meu, e não sabia dizer como, mas mesmo querendo odiá-lo, eu sorri. Sem pensar duas vezes, e praticamente engolindo todo o orgulho que não tinha para com ele, fui para seus braços.

No segundo em que cheirei longamente seu peito, soube que era o meu momento. Era o momento que eu tanto esperei. Era aquilo que eu tanto buscava. Sem divagar se aquela era apenas a fanfic favorita da minha melhor amiga ou então a realidade de amor que eu tanto sonhei por anos. Porém, não fora o seu cheiro que me atingiu, e quando ele repousou um braço em minha cintura, senti todo meu corpo paralisar.

O cheiro de uma mulher estava preso a ele, e foi só assim, tendo a rejeição esfregada na cara duas vezes, que eu finalmente entendi. Nem o álcool evitou o fato de que o que restara do meu coração estava sendo esmagado naquele exato momento. Por que eu ainda esperava algo diferente?

— Lindo. Trabalhador. Gentil. — soltei as palavras, dando dois passos para trás e pela primeira vez, sentindo que o toque dele não me pedia apenas por mais, me pedia para fugir. Na realidade, exigia. — Olhar castanho misterioso. Uma lista infinita de amantes. — ri alto de mim mesma, debochando de como eu esperei por algo que nunca seria meu.

De onde eu tinha tirado que aquilo daria certo?

Seria o álcool e a realidade cruel e nada menos punitiva, os únicos possíveis de me fazer enxergar que nunca seria meu?

Quando finalmente o encarei, simplesmente quis poder desaparecer dali. Me imaginei tantas vezes naquele momento por tanto tempo, que jurava que estaria em uma cama com ele. Mas não era aquilo que me esperava. Dei-lhe as costas e fui até o balcão, pegando a última dose que enchera e virando. Era o meu dia, e nem mesmo a presença dele, que era a que eu mais desejava, ardentemente, me faria desperdiçá-lo.

— Gabriela, eu...

— Nunca me chamou por Gabi. — ri baixo e segurei com força na bancada. — Sempre pensei que era seu jeitão todo de querer que meu nome fosse apenas seu. Eu até cheguei a achar que ele era mais bonito quando saía da sua boca... — uma lágrima desceu e me odiei por estar cedendo.

— Eu sinto muito, Gabriela.

Virei-me, vendo-o a cerca de dois passos de mim. Odiava-me ainda mais por ainda querer correr para ele, ao mesmo tempo, que o cheiro de outra estava impregnado por todo seu corpo. Tudo que era dele, nunca pertencera ou pertenceria a nada de mim.

— Não sente não. — dei de ombros, fingindo não me importar. Ainda ouvia meu irmão e melhor amiga dançando, como se presos em seu mundo particular e talvez tão bêbados que não perceberam sequer que Antônio aparecera de surpresa. *Que grande ironia!* — Parece que os dois chutes na bunda que me deu e o álcool foram bem claros... Você só estava lá. Nunca lá por mim. E eu jurei que meus aniversários eram mais especiais porque tinha você. Que ilusão essa minha, né?

— Gabriela, vamos conversar e...

— Não temos nada para conversar. Na realidade, tenho que agradecer. — bati palmas, sem nem ao menos saber por que o fazia. — Porque você me disse o que precisava ouvir para não restar dúvida. Essa ilusão acabou hoje e bom, você pode ir embora e me deixar ser feliz com as pessoas que realmente quero aqui?

Notei-o engolir em seco, mas mesmo assim, *nada* pareceu real naqueles olhos que antes adorava por nunca me entregarem algo mais profundo. Uma invenção de mim mesma? Uma mentira que contei tantas vezes que se tornou verdade?

Tantas perguntas e a resposta veio com ele me dando as costas e saindo dali, sem nada mais. Assim que a porta bateu, outra lágrima desceu e eu esperei, mesmo sabendo que não deveria, que ele voltasse. E como não esperava antes, e sabia que era tudo o que poderia esperar no hoje, ele

não voltou.



“Quinze anos, quinze milhões de lágrimas
Implorando até meus joelhos sangrarem
Eu dei tudo de mim, ele não me deu nada
E ainda perguntou o porquê eu fui embora”^[2]

Cerca de dois anos depois

Gabriela

— Não sei de onde tira essas coisas. — falei para Ane, enquanto ela sorria desconfiada do outro lado da tela. — Eu te disse que não tenho nada a ver com isso.

— *Seu irmão aparecendo do nada com flores e você, não sabe?* — *perguntou bufando e revirou os olhos em seguida.*

De fato, eu não sabia. Apenas entendi que meu irmão queria fazer algo especial para ela. Para quem sabe, convencê-la de realmente estar com ele. Eles vinham de idas e vindas há quase dois anos.

O dia em que meu sonho de amor foi engolido pela realidade, acabou sendo o mesmo em que eles pareceram entender que se interessavam um pelo outro. E estavam no “chove e não molha”^[3] desde então.

A minha torcida era que se acertassem e finalmente, pudesse ser tia. Era como um clichê perfeito acontecendo ao meu redor. Não tive o meu, mas vivia cercada pelos deles. Mesmo estando tão longe no último ano.

— Enquanto você resolve se vai jogar as rosas fora ou fazer uma trilha para o meu irmão entrar e tirar a sua roupa...

— *Pelo amor, Gabi!* — *bradou, fazendo-me rir alto e dar de ombros.*

— Enfim, quem sabe já façam meu sobrinho. — debochei e ela fez o sinal da cruz de imediato. Não que ela não desejasse ser mãe, contudo, conhecia minha amiga bem o suficiente para saber que ela não pretendia ter filhos tão cedo. Porém, era inevitável provocá-la. — Enquanto isso, sabe que preciso de você aqui para ontem, não é?

— *Ainda temos praticamente um mês até o seu aniversário.* — acusou o óbvio e dei de ombros, fazendo uma careta.

Ela fez um sinal de rendição e assentiu no segundo seguinte. Ane sabia o quanto aniversários eram importantes para mim. Era uma data que minha família sempre nos fez comemorar e tratou de ser a melhor de todo o ano. Eu apenas levava a tradição em frente.

— Estou para entrar na casa dos vinte. — falei sonhadora, ao mesmo tempo que sabia que encontrara meu lugar no mundo tão cedo, que as vezes, sentia-me não querendo correr contra o tempo. Só queria poder viver um pouco mais. — E dessa vez, vamos ter o karaokê!

— *Pode deixar que seu irmão não vai nos impedir.* — piscou um olho e sorri, sabendo que por mais que ela negasse ou não quisesse assumir, ele era o cara para ela.

Nunca vi minha amiga estar com o mesmo cara por tanto tempo, e ainda mais, passar mais de uma noite. Ela apenas parecia não aceitar a

ideia. E eu, como boa amiga, não poderia interferir.

— Aliás, não esquece de convidar aquele amigo lindo seu que me secou no seu aniversário. — intimei e ela me olhou com clara ironia. — O que foi?

— *O cara tá atrás de você há um bom tempo e você nem foi ver ele quando veio para capital. — acusou e acabei sorrindo abertamente. — Tem certeza que quer que leve ele no seu aniversário?*

Ane sabia o quanto aquela data era importante, ainda mais, do fato que a ressignifiquei após o acontecimento com Antônio. Ainda era difícil apagar aquela conversa durante a festa, e a maioria das vezes, apenas fugia de mim mesma para não ter que lidar com a realidade do passado. Não doía mais a rejeição, na realidade, ela me ensinou.

Percebi que passara tanto tempo querendo ser dele, que esqueci de ser quem eu realmente queria ser. Quase dois anos depois era como se finalmente tivesse me encontrado e nunca pensei que fosse acontecer tão longe dele.

Dois anos sem sequer conseguir olhá-lo nos olhos. Dois anos sem ouvir sua voz. Ele fez sua escolha e eu fiz a minha. A dele, não me incluía. A minha, percebi que não podia incluí-lo, porque seria mentir para mim mesma e para o mundo, que poderia superar aquilo tão facilmente.

Dois anos para fechar e deixar o sentimento se perder por ali. Era bom pensar que nunca mais me atingiria de maneira tão forte. Que fosse com outro alguém. Que fosse quando tivesse de ser.

— *Ei! — Ane me gritou e voltei a realidade, fugindo dos olhos castanhos que ainda estavam presos as minhas lembranças. — Preciso correr para conseguir um lugar, mas, te ligo mais tarde.*

— Até mais tarde. — ela me jogou um beijo, mas a sua preocupação era nítida.

Antônio era um assunto que transformei em um campo minado. Ninguém falava a respeito dele para mim, e eu, muito menos buscava saber a respeito. A cada dia que passava, era como se não falar, me ajudasse a esquecer. Parte dele já tinha se perdido de mim. Parte de mim já estivera com outros homens que me fizeram entender que ele não era o único. Eu podia querer e desejar outra pessoa. O maior questionamento que tinha, era se encontraria o amor novamente.

Deixei o celular de lado e fui em direção a janela do meu quarto. Olhei para o verde ao redor, para os barulhos tão típicos do interior, e me senti em casa novamente. Escolher voltar para a casa que morei até os cinco anos, e aprender tudo o que pudesse sobre a fazenda para poder dar jus ao meu currículo de administradora, era o meu ponto.

Sempre me imaginei vivendo ali, e escondi tal sonho porque fantasiei que conseguiria viver ao lado de Antônio na cidade grande, como se aquele sim fosse o meu lugar. Era ingênua e iludida, além de sem qualquer autoestima.

Talvez, como pensara e raciocinara naqueles anos, deveria agradecer-lo por ter me chutado com tanta rispidez. Porque foi a partir dali, que percebi o quanto vivia em um mundo cor de rosa, que nunca de fato poderia ser meu.

Eu era daquele lugar, de poder assistir o sol nascer e se por perto do lago. Eu era de dançar pelas grandes escadas de madeira e vestir roupas curtas devido ao calor infernal. Eu não queria viver presa em um apartamento, como imaginava conseguir no passado. Eu precisava da liberdade que estar no interior me proporcionaria. Tivera o privilégio da escolha e felizmente, não o desperdicei.

Ouvi o barulho do motor de algum carro e de relance, notei que algo passara no caminho à frente da minha janela. Não conseguira ver o carro com exatidão, muito menos quem dirigia. Saí dali no mesmo instante, indagando-me se esquecera alguma reunião no dia. Contudo, era o meu dia de folga, assim como, de quase todas as pessoas que trabalhavam por ali.

Assim que abri a porta da frente, notei que era uma 4x4, e a

escuridão nos vidros não me permitiram reconhecer a pessoa. Fiquei ali mesmo, esperando que a pessoa saísse, e imaginei que poderia ser alguém procurando por informação.

Era uma cidade pequena, e a fazenda era o ponto de vida mais próximo em quase dez quilômetros. Ao mesmo tempo que sabia que a segurança da fazenda não a permitiria entrar se não fosse uma placa já registrada. *Eu conhecia?*

No segundo que a porta se abriu, fiquei perplexa diante da cena que se desenrolou. Antônio Novaes aparecera a minha frente, como se estar ali, fosse algo rotineiro. Ele trazia consigo o semblante sério e indecifrável, e fiquei alguns segundos sem entender absolutamente nada. *O que diabos ele fazia ali?*

Eu não o via pessoalmente há quase dois anos e fugi de qualquer conversa que ele tentou ter por telefone ou pessoalmente, durante o primeiro ano evitando-o. Não poderia negar que ele tentou resolver as coisas, porém, o que ele poderia fazer? Já tinha quebrado meu coração e não tinha conserto, devido ao fato de que o dono dele não poderia corresponder as batidas.

A lembrança daquela noite me atingindo em cheio. *Foco, Gabi!*

— Olá, Gabriela!

Forcei um sorriso sem dentes, e puxei a porta as minhas costas, como se pudesse apenas batê-la na cara dele.

— O que quer aqui? — a pergunta saiu livremente e a intensidade que transpassou seus olhos fez meu coração querer falhar uma batida. Era como se toda a luta contra o sentimento que tinha por ele, se transformasse em pó. Olhando-o dali, era como se aquela certeza de que não poderia esquecê-lo, se reafirmasse.

Poderia até ser que não pudesse, porém, nada me impediria de tentar todos os dias. Aquele era só mais um dia.

— Tenho uma reunião na cidade, no lugar do seu irmão. — sua explicação era péssima, mas a sua voz continuava calma e baixa. Ainda não explicava porque estava na fazenda. — Tentei conseguir algum lugar na única pousada da cidade, mas...

— Pode dormir tranquilamente nesse carro enorme. — falei, cortando-o e sem o mínimo interesse de ouvir. — Aliás, aqui é bem seguro, então, ninguém vai tentar te roubar enquanto dorme. Como os vidros são escuros, você pode ficar ainda mais tranquilo.

Ele pareceu incrédulo no primeiro instante, e poderia jurar que aquela cara era o reflexo da minha diante da sua ousadia e prepotência de aparecer ali. Fugira dele e de tudo que me lembrava ele, para de repente,

depois de quase dois anos, ele chegar e querer encontrar a porta aberta. Ela estava sem qualquer fechadura.

— Me odeia tanto assim? — indagou, como se tivesse algum sentimento na voz e odiei o fato de ainda encontrar algo que não existia. Suspirei profundamente e dei de ombros.

— Odiei a mim mesma por um tempo, por ser tão burra. — admiti, cruzando os braços e sem conseguir encará-lo, porque olhar para ele era como reconhecer uma parte minha. Eu não queria mais sentir aquilo. — Mas hoje, eu sinto mesmo que apenas não quero olhar para você.

A realidade era que eu não conseguia, porque me lembrava a todo sentimento que era dele. Mesmo que eu negasse. Mesmo que ele negasse. Negação nenhuma me tirava da linha imaginária e indolente do meu coração de que ele era meu. *Maluquice?* Total.

Finalmente o encarei e ele assentiu, como se entendendo meu ponto. Fiz menção de apenas sair dali e entrar na casa, mas ele foi mais rápido e tocou levemente em uma das minhas mãos. O simples toque fez todo meu corpo implorar pelo dele. Minha cabeça girou e pensei que realmente, fazia um bom tempo que não ia para cama com alguém. Talvez fosse apenas aquilo. Era a única explicação que eu aceitaria.

— Não quero que toque em mim. — falei, sabendo que não

suportava reaver a certeza de que aquilo que criei para nós nunca passou. — Pode estacionar o carro mais para frente se quiser e ficar por lá, claro.

Dei-lhe as costas e quando finalmente fecharia a porta, sua voz me parou.

— Não pode me evitar para sempre. — falou, o tom um pouco mais alto e era clara a irritação em sua voz.

— Posso evitar até onde estiver ao meu alcance. — dei de ombros e me virei para ele, que tinha um sorriso caído do lado esquerdo do rosto. Típico de cafajeste. Típico do mocinho que qualquer pessoa passaria pano. Para ele, no entanto, eu não passava mais nada. — Como sempre me chamou de menina, leia essa situação como algo infantil que a menina aqui está fazendo.

Antes que ele pudesse dizer algo, fechei a porta em sua cara, e soltei o ar com força. Meu coração surrava o peito e minha pele toda permanecia arrepiada por conta do olhar dele. Senti-me ainda pior pelo fato de não conseguir ser indiferente e ignorá-lo por completo. Senti-me presa a um momento o qual não buscava, e nem mesmo passou pela minha cabeça que aconteceria.

O homem que fechou a porta, agora queria abri-la. E eu, apenas via todo meu ser lutar contra sua própria vontade. Infelizmente, parte de mim

ainda queria ser dele. Nem que fosse, por um momento.



“Olá, Sr. Perfeitamente bem
Como está seu coração depois de quebrar o meu?
Sr. Sempre no lugar certo, na hora certa, amor”^[4]

Gabriela

Eu era uma pessoa ruim por deixar ele no carro, sendo que existiam mais de três quartos desocupados naquela casa?

Eu era uma pessoa trouxa pelo fato de ficar me indagando se deveria apenas ir até ele e mandá-lo entrar?

Soltei o ar com força, enquanto encarava a porta da sala e pensava em apenas sair e ir até ele. Eu conseguiria me manter distante por uma noite, e seria o suficiente para provar a mim mesma que nem tudo girava em torno dele. Ele era apenas um cara. Coloquei aquilo em mente, no segundo em que fui girar a maçaneta, mas um barulho alto na cozinha me chamou atenção.

Franzi o cenho e fui devagar e silenciosamente até lá. Duvidava que pudesse ser algum ladrão ou algo parecido, já que tinha segurança suficiente dos lados de fora dali. Algo que nunca pudera abrir mão já que escolhera morar em um lugar tão afastado. Além de que, era uma cidade pacata.

Peguei a primeira coisa grande e que poderia derrubar alguém, um vaso de flores vazio, e fui com ele em mãos, em caso de estar completamente enganada. Não custava nada me prevenir.

Quando dei um passo para dentro da cozinha, o choque de algo contra mim, fez com que jogasse o vaso com força contra a pessoa e o grito saiu livremente.

— Porra!

Aquela voz que eu reconheceria em qualquer lugar. Aquele rosto que eu reconheceria em qualquer multidão. Antônio me olhou incrédulo, enquanto parecia tentar limpar os pedaços do vaso que só então entendi, acabara de quebrar contra seu peito.

— Merda! — falei, dando um passo à frente, e olhando-o com cuidado.

Ele usava uma camiseta na cor preta, que ajudava no processo de encontrar se algum caco de vidro adentrou seu peito. Minha ação foi tão espontânea, que só notei que o tocava abertamente, sendo contrária a tudo de mim, no segundo em que senti seu cheiro característico me inundar.

Afastei-me dele como se pegasse fogo e tentei me apegar ao fato do cheiro em todo ele ser todo de outra há dois anos. *Apegue-se ao passado e o esqueça!* Repeti a mim mesma várias vezes, sabendo que aceitar ouvir qualquer pedido de desculpas por mais sincero que fosse, nunca seria o suficiente. Não poderia apenas ser amiga dele enquanto meu coração permanecia seu. Ali estava eu, anos depois, ainda na mesma. Eu era uma piada pronta.

— Eu sinto muito. — falei, dando mais dois passos atrás, e negando com a cabeça.

Ali estava ele, no meio da cozinha onde eu passava boa parte do

dia, com uma camiseta preta arruinada e um sorriso que não saía do seu rosto. *Do que ele sorria?* Eu queria perguntar, mas me segurei. Não tinha porque querer saber, por mais que me corroesse por dentro.

Naquela luz pude vê-lo com mais clareza, e sua beleza, como sempre, me atingira em cheio. Ele parecia mais velho, e a barba por fazer trazia-lhe um charme diferente de antes. Olhando-o em cada detalhe, sem conseguir fugir da inspeção, indaguei-me se algo dentro dele também mudara. *Foco, Gabi!*

— Mas por que entrou na minha casa como um ladrão? — perguntei, e ele me encarou claramente perplexo.

— Eu apenas vim pegar água. A porta dos fundos estava aberta. — explicou e eu quis poder socar aquela cara bonita. Bonita demais para minha sanidade. — Não pode negar água a um velho amigo.

— Posso negar o que eu quiser. — falei por mim, sabendo que caía naquele joguinho novamente.

Ele só poderia estar jogando comigo. Depois de tanto tempo, aparecer a minha frente, na minha casa e simplesmente não buscar um lugar para ficar em outra cidade. Nada naquela história fazia qualquer sentido.

— Não vou te perguntar porque realmente está aqui. — já

esclareci, antes que ele tentasse falar algo sobre. — Pode ficar no quarto de hóspedes do lado esquerdo da escada. — comentei, e seu olhar era de completa surpresa. — O pouco que te conheço, sei que não vai me deixar em paz até conseguir o que quer.

E eu conhecia aquela parte dele muito bem. Antônio sempre pareceu ter garra em tudo que se propunha a fazer. Nunca o vi desistir e aceitar algo, ou simplesmente, deixar de lado. Se ele tinha que fazer, ele fazia. Se ele precisava estar, ele estaria. Era uma piada completa pensar que usei da mesma estratégia para conquistá-lo. A Gabriela dos quinze aos dezoito, com toda certeza, vivia em uma realidade paralela.

— Fico feliz que ainda lembre algo de mim. — argumentou e percebi que não tinha nada a dizer para ele.

Na realidade, sequer conseguia pensar diante do que acontecia ali. O homem que um dia eu amei. O homem que eu ainda desejava. Os dois em um, no meio da cozinha. A pergunta era: como dormiria sabendo que ele estava sob o mesmo teto que eu?

— Fico feliz se eu puder só sumir daqui e dormir. Dia cansativo, sabe?! — indaguei e girei nos calcanhares, já buscando sair dali o mais rápido possível. A proximidade com ele, enquanto tentava limpá-lo inutilmente, fazendo-me de escrava do seu cheiro e presença, mais uma vez.

— Sinto sua falta, Gabriela.

Paralisei diante das quatro palavras, e da forma como fazia tanto tempo que aquele tom de voz não dizia meu nome. Fechei os olhos, parada no lugar, e sem conseguir olhá-lo.

— Sempre estive aqui. — dei de ombros, como se aquela fosse uma explicação plausível.

A realidade era que sempre estivera onde pudesse para com ele, mas naqueles quase dois anos, eu tinha vivido para me conhecer e esquecê-lo. Quem sabe poder odiá-lo para poder me amar. Ainda assim, encontrei o amor próprio, mas não despertei nada novo para com ele. A não ser, saudade.

— Se eu pudesse, eu consertaria as coisas. — sua voz soou quente, e era como se estivesse tão próximo, que pudesse sentir sua respiração.

Quando me virei, sem querer fugir e me fazer de criança novamente, encontrei-o tão perto, que se desse um passo, nossas bocas se encontrariam. O mesmo gosto que só tive um vislumbre. A presença dele me intoxicando e me fazendo querer implorar por seu nome.

— Não pode mudar o que passou. — falei, e bati levemente em seu ombro. — Por mais que tenha doído a forma como fez tudo aquilo, foi o melhor, para nós. Me fez entender o quanto fantasiei sobre nós.

— Nunca vou ser o cara certo para você.

Eu sabia daquilo, no fundo, eu sabia. Contudo, vi-me notando que ele parecia não querer dizer nada como aquilo. Era um mar de emoções tê-lo tão perto. Era como se eu pudesse me afogar nele e nunca pedir resgate. Entretanto, sabia que não valia a pena. Não mais. Não porque ele fosse o cara errado, mas sim, porque nunca foi de fato para estarmos juntos.

Foi uma ilusão de uma menina, e naquele ponto, ele não errou. Éramos tão diferentes, que até mesmo a forma como eu estava vestida, destoava dele. Eu gostava de ser livre, e voar. Ele sempre gostou de estar preso ao que fosse, para se manter firme.

— E nós não temos que falar sobre isso, e nem sobre mais nada. — falei por fim, dando um passo atrás, sentindo que me expusera além do que um dia imaginei que o faria novamente para com ele. Contudo, Antônio ainda tinha tanto poder sobre minha mente e corpo, que me vi quase presa ao seu. — Só uma noite e depois fingimos que não nos conhecemos.

— Foi fácil para vocês nos últimos dois anos. — falou, como se ofendido e magoado com tudo aquilo e tive que sorrir abertamente.

— Da mesma forma que você optou por me chutar como se fosse qualquer pessoa, entendi que você não precisava significar nada para mim. — rebati, e sua expressão se modificou por completo. — Uma conversa

quebraria meu coração, mas todo o contexto... Não vai querer, *mesmo*, falar disso. — ameacei e ele suspirou profundamente, fazendo minha mente viajar.

— Não vai sequer lembrar que estou aqui. — falou e o vi bater mais uma vez as mãos na camiseta e minha preocupação veio novamente.

Queria saber se estava machucado ou me aproximar, porém, a racionalidade falou alto. Ele parecia bem o suficiente para querer falar do que aconteceu há tanto tempo e que nem deveria importar. De fato, não estaria falando se estivesse machucado.

— Boa noite, Antônio.

Seu nome saiu livremente e me virei para ir em direção ao meu quarto. Eram por volta das oito da noite e de repente, o sono que sempre me baqueava naquele horário, não veio.

Assim que fechei a porta do meu quarto e a tranquei, sem entender de fato porque o faria – talvez para impedir a mim mesma de uma burrice sem tamanho ou qualquer outro escape para ser rejeitada – tirei minha roupa e joguei todas as peças longe. O cheiro dele impregnado em mim, mesmo que estivesse tão perto por apenas alguns segundos.

Uma coisa que aprendera nos anos afastada dele era que tudo poderia ser uma pura ilusão, mas o sentimento que ele me despertava,

nunca o fora. Por aquilo, fugi. Por aquilo, nunca quis ouvir. Por mais que desejasse, ardentemente o perdoar pelas palavras cruéis e por não estar em um momento que ele sabia, contava com ele. Não o fazia, não porque ainda não o tivesse perdoado, mas sim, porque ainda não era capaz de olhá-lo e não sentir. Ainda.



“Eu aposto que você pensa que
eu segui em frente ou que te odeio
Porque cada vez que você tenta, não há resposta
Eu aposto que você nunca, jamais pensou
Que eu não posso te dizer olá
E arriscar outro adeus”^[5]

Gabriela

Os lençóis nunca me pareceram tão desconfortáveis. Girei uma, duas, talvez dezenas de vezes, até entender que não conseguiria de fato dormir. Sentada na minha cama, encarando meu celular, como se em busca de qualquer coisa capaz de me distrair. Joguei o aparelho de lado após passar mais uma foto de alguém que não queria ver naquele momento.

Ele ainda percorria meus sonhos, certas vezes. Em outras, estava presente nos mais sujos possíveis. Na realidade, eu estava trancada em meu quarto, porque meus pensamentos estavam junto a ele. Por um momento, vi-me considerando apenas entender que o passado era passado.

Antônio nunca fora *apenas* uma paixão. Ele fora meu amigo antes de tudo aquilo. Ele era uma parte bonita minha. Porém, saber que ele ignorou tudo aquilo, por conta da ilusão que me acusou de ter, fazia-me não conseguir ceder. *Por que ser tão cruel? Por que não ser sincero?*

Aquelas perguntas de noites e mais noites. As mesmas de bebedeira até dormir após não conseguir olhar para a tequila. Os modões que ouvi, gritando alto e querendo tirar seu amor de mim. Tudo entrando em colapso dentro do meu peito, e me vi levantando, e puxando o robe jogado sobre a poltrona. Amarrei-o com força e respirei profundamente antes de abrir a porta.

Era madrugada, e não tinha ideia se ele já teria dormido. Realmente, ou a casa era grande o suficiente para não o ouvir, ou ele se fizera de inaudível por ali. Andei com cuidado pelo grande corredor e parei diante da parede que separava as alas esquerda e direita da casa. Fotos dos aniversários de todos da minha família, espalhadas pelo grande painel de madeira.

Parei um segundo, tocando o porta-retratos que continha uma foto minha e de Antônio. Um leve sorriso brotou em meu rosto e vi-me perguntando para o nada, *onde ele estaria?* Onde o cara que me fez cair tão profundamente por um olhar, mas que antes dele, me fizera conhecer um carinho e devoção que nunca vira antes. Ele era alguém para quem você podia ligar em um momento incrível, até os piores. Ele sempre estava lá quando parava para lembrar.

Talvez aquilo doesse tanto porque eu já o amava como amigo, antes de tudo se tornar tão romântico e ardente, que eu não pudesse simplesmente aceitar uma parte. *Eu queria tudo.* Eu exigia tudo. Uma intensidade que poderia assustar qualquer um. E no caso dele, nunca sequer quis conhecer.

— Onde você foi parar? — indaguei, passando um dedo sobre sua foto, com um sorriso grande, e o meu coração falhou uma batida.

A resposta do universo na ponta da língua, sendo esfregada na

minha cara, no momento em que olhei em direção ao corredor do lado esquerdo, e vi-o caminhar até mim.

A intensidade que tanto escondi e que quis mostrar em um dia definido, tomando conta de tudo ao redor. O olhar dele não mentia. O meu olhar implorava. Quando se aproximou, o suficiente para que sua mão tocasse meu rosto, e sua testa encostasse na minha, deixei uma lágrima correr, e meu coração sabia que não tinha escapatória. Meu corpo queria aquilo, e sem conseguir entender o porquê, Antônio também parecia querer.

— Eu sinto muito, minha menina. — falou e levantou meu queixo com cuidado, fazendo-me mergulhar nas profundezas dos olhos castanhos, como se ele pudesse entender a dor que eu tivera quando tudo desmoronou.

Soube que não era apenas meu corpo que gritava pelo dele, pela forma como seu maxilar estava cerrado e ele parecia contrair os músculos. Vestido apenas com uma calça moletom e uma regata branca, ficara pouco para minha imaginação.

— Por que? — perguntei, esmurrando levemente seu peito e me negando a olhá-lo. — Por que só não disse que não podia? Por que dizer tudo aquilo? Por que...

Parei de falar, sabendo que estava prestes a desabar e meu olhar buscou o dele. A tensão entre nós dois quebrando o silêncio repentino. A dor finalmente em viva-voz depois de tanto fugir. O momento que eu nunca imaginei ou que me vi presa em qualquer circunstância, menos aquela que se desenrolava.

— Eu sinto muito. — falou, encarando-me tão profundamente, que era como se pudesse ler minha alma.

— Parece automático quando diz isso, depois de tantas vezes... — soltei o ar com força, e me apeguei ao fato da saudade que me inundava a cada pensamento que tinha, sabendo que ele estava exatamente ali. Era mais do que o amor que um dia senti e poderia ainda sentir. Era além do que poderia mensurar. Era saudade da parceria que compartilhávamos. — Depois de quase dois anos. Depois de ligações ignoradas, e-mails e mensagens não lidas. — amaciei meu tom de voz e busquei seu olhar, sorrindo em seguida, sem saber realmente do porquê seguia por ali.

Era bom tê-lo ao redor e estaria mentindo se dissesse que não. Era terrível saber que não poderia lidar com ele estando ali, e estaria mentindo se dissesse que conseguia. Ainda. Ainda não. Contudo, algo me dizia que eu poderia tentar. Apenas tentar fazer com que nós não fôssemos apenas páginas bonitas perdidas por uma página arrancada.

— Tem algo melhor do que nós dois presos a algo que já foi. —

falei, tirando suas mãos do meu rosto, e me afastando.

Na verdade, entendi que precisava subir qualquer barreira que fosse, nem que ela me exigisse fingir que poderia ser amiga dele por uma noite. *Eu era capaz daquilo, não?*

Fiz um sinal com a cabeça, e desci as escadas. Senti-o as minhas costas e sabia que estava entrando em um jogo que desconhecia as regras, e de fato, não deveria jogar.

No segundo em que abri as portas do fundo, e as estrelas me saudaram, acabei sorrindo com o vento que me atingira. Caminhei com os pés descalços pelo mato, e parei justamente nas redes que minha família pendurara em três árvores, muitos anos antes. Sentei em uma, e permaneci com o olhar para cima, tentando acreditar que só estava junto a outra pessoa qualquer.

Antônio tinha que ser um qualquer. E eu, tinha que fugir de qualquer momento que pudesse acabar com a minha boca na dele durante aquela noite. Não sabia ao certo o que acontecia, mas a forma como ele me olhava, me levava para o que ele acusou ser ilusão anos antes.

Eu precisava de sono e não pensar mais em nada.

— Sempre quando olho as estrelas, lembro de você. — falou, surpreendendo-me por completo e eu finalmente o encarei. Seu olhar

estava preso ao meu rosto, e não consegui compreender o que acontecia. Nem mesmo porque a vida brincava comigo.

— A minha paixão pelo desconhecido continua aqui. — falei, e voltei a olhar o céu escuro, repleto de estrelas.

Era como uma extensão de mim. Via-me sempre pesquisando e querendo saber mais sobre astros. Minha paixão particular e desafio por sempre ter o conhecimento limitado, pelo fato de que nunca saberia tudo a respeito deles. O universo era vasto demais para tal coisa. O mistério de tudo aquilo me instigava.

— Isso tudo combina com você. — falou e de relance, vi-o indicar ao redor da fazenda e eu sorri, sem conseguir evitar. Eu sabia que combinava, porque era o meu lugar no mundo. Eu sabia que não poderia escolher algo melhor ou tão meu como estar ali. — Não quero te arrastar para aquela merda de noite novamente, e pela merda que fiz com a gente. — sua voz soou ainda mais baixa e era como se não quisesse de fato deixar sair. Ou quem sabe, fosse difícil admitir.

— Um dia a dor passa, e depois, sobra o orgulho. — dei de ombros, e o encarei com carinho. Há muito tempo não me via fazendo aquilo para com ele. Até ele estar na minha porta, depois de tanto tempo, não pensei que seria tão fácil tê-lo. A realidade era que estava preparada para não ter ele sempre, e aquilo, me confortava. Era apenas uma noite e não uma vida

olhando-o. — Além de que, não sou boa mentindo.

— Mesmo assim, eu... Eu te machuquei mais do que pude mensurar antes de o fazer. — sua frase saiu tão desconexa, que apenas resolvi ignorá-la.

— Podemos só fingir que somos apenas nós, amigos, depois de tanto tempo? — indaguei, frisando o termo do relacionamento que sequer mantínhamos, e sentindo-me tão boba, a ponto de não ter remorso grande o suficiente para ignorá-lo por completo. — Vou sobreviver a uma noite sob o mesmo teto que você e depois, a vida segue.

— Obrigado, menina.

O apelido saiu livremente da sua boca e o tom carinhoso estava presente. Não com desprezo como no passado. Não com pesar como geralmente parecia. Era apenas ele, me chamando.

Deitei-me mais confortavelmente na rede, e ouvi o barulho de ele se mexendo na dele, na árvore ao lado. Eu, ele, as estrelas... Poderia imaginar mil cenários com aquilo acontecendo, mas nunca, pensaria naquele.



“Brigar com ele foi como tentar resolver palavras-cruzadas

E perceber que não há resposta certa

Lamentar por ele foi como desejar

Que você nunca tivesse descoberto

Que o amor pudesse ser tão forte”^[6]

Gabriela

Senti meu corpo ser tirado do lugar e me acomodei melhor aos travesseiros, jurando que estava sonhando que flutuava por aí. Aquele tipo de sonho não era raro, me via voando tantas vezes nos meus, que era praticamente uma realidade de muitas noites.

No segundo em que respirei profundamente e tentei me agarrar com mais força ao meu travesseiro que parecia mais quente que o normal, percebi que o sono me derrubara, e agora, eu estava nos braços de alguém.

Não poderia ser Carlos, o capataz da fazenda. Nem mesmo Fabiana, que me ajudava com a casa. Muito menos, alguns dos seguranças que ficavam de prontidão ao redor da fazenda. Forcei meus olhos a se abrirem e paralisei quando percebi que estava no colo de Antônio.

Ele não me encarava, claramente concentrado nos degraus, e eu, senti meu corpo todo paralisar. O cheiro dele em todo meu ser, novamente, e que me custaria outro banho no meio da noite. *Por que ele tinha que aparecer e tornar tudo mais difícil? Por que eu simplesmente não conseguia lidar com a presença dele?* Depois de dois anos e diferentes casos, jurei que seria mais fácil. Não o era.

Assim que ele pisou no primeiro andar, praticamente pulei de seu colo, e notei a forma como ficou surpreso de eu estar acordada. Fiz um sinal com a mão, no momento em que ele tentou se aproximar novamente, como se preocupado, e eu não entendi de fato o que acontecia conosco,

presos naquela casa, na qual ele dividiu vários momentos comigo antes, quando éramos tão mais novos. Oito anos nos separavam em idade. Dois anos nos separavam como pessoas.

— Eu acho que preciso dormir, no *meu* quarto. — falei, sabendo que apagar na rede do lado de fora, o que costumava acontecer por algumas noites, não fora a melhor coisa naquela em especial. Felizmente a segurança do lugar me permitia ter tais momentos. — Espero que tenha uma boa noite, Antônio.

Forcei um sorriso sem saber ao certo porque o fazia, e abracei meu próprio corpo, já pensando em como conseguiria de fato voltar ao sono pesado que tinha, após aquele toque se impregnar novamente em meu ser.

Será que ele não percebia que me matava por dentro e me ansiava por fora, apenas o fato de ele estar ali? Por que me tocar? Por que tentar voltar para o que éramos?

— Sinto falta de como me chamava. — admitiu, com os olhos presos aos porta-retratos na parede e um leve sorriso no canto da boca.

Mais uma vez, a realidade do sentimento que tinha por ele, me atingiu. Nunca foi apenas pela beleza. Sempre fora pela forma como aqueles olhos eram todos meus quando estavam sobre mim. Não saberia explicar como um amor se transformava em amor romântica e tão

rapidamente, como um estado febril permanente. Porém, sentia-me presa a ele desde aquele momento.

O seu apelido estava na ponta da língua, e fora a primeira palavra que troquei com ele, aos cinco anos de idade. Era bizarro pensar, que depois de uma vida praticamente lado a lado, a dor viesse tão certa dele. Era aquilo, além de o fato de não ser amada como o fazia para com ele, que me machucava. Era aquilo que deixava minha armadura alta. Não era apenas o orgulho. Era o fato de que eu ainda sabia que se cedesse, não o superaria novamente. Na realidade, sequer o fizera da primeira vez.

— As coisas mudam. — falei, tentando apenas fazer a conversa acabar, e aquele olhar me pedia tanto, que eu não sabia o que ele realmente queria.

Era como se ele estivesse a ponto de gritar, mesmo que se segurasse. De repente, enxerguei nele, toda a intensidade que existia em mim. Mesmo que fosse apenas uma ilusão perdida da minha mente sonhadora. Por aquilo me mantinha afastada. Olhar para ele me fazia viajar no mistério que ele trazia. Me fazia achar que compreendia seu olhar, mas não... nunca o fiz.

— Eu acordo cedo, mas se sair mais cedo ainda... Espero que fique bem.

Ele abriu a boca para dizer algo, e deu um passo à frente, como se parar vir até mim. Eu queria aquele toque, livre em minha pele, novamente. Eu queria estar presa a ele por aquele momento e muito mais. Fechei os olhos, baixando as mãos e senti-o vir. Como ele sempre o fizera, puxou-me para si, e depositou um longo beijo em minha testa.

Por que eu não podia simplesmente amá-lo como um bom amigo? Por eu tinha que desejar aqueles lábios como meus?

— Eu sinto muito.

Sua voz soou baixa, e abri os olhos devagar, e quando me encarou de fato, soube que não conseguia fugir do que ele me fazia sentir. Eu tentava, sem sucesso, há dois anos. Eu lutava, bravamente, bem ali, enquanto ele me rondava.

— Não precisa...

Ele trouxe um dedo para os meus lábios e os tocou levemente, fazendo-me prender uma respiração e todo meu corpo ficar imerso no desejo que explodiu sobre mim. Minha pele arrepiada e o respirar dele tão próximo, que era capaz de ser massacrante.

— Sinto muito por não poder evitar. — falou e o encarei sem entender, mas no segundo seguinte, ele me puxou para si, e tudo o que tive como resposta foram seus lábios sobre os meus.

Eu quis negar. Eu quis lutar. Eu tentei afastá-lo, mas a forma como seu corpo me tocava nos lugares certos, como se ele me conhecesse melhor do que qualquer pessoa, fizeram-me ceder.

Aquele gosto que queria como meu, era meu. Me agarrei ao seu corpo como se minha vida dependesse daquele momento. No caso, a minha sanidade durante a noite dependia. Senti a parede as minhas costas e minhas mãos cravaram contra suas costas, trazendo-o ainda mais para mim, como se fosse possível amá-lo com roupas. Assim que nos afastamos em busca de ar, soube do erro que cometera.

Fechei os olhos, e forcei minhas pernas a descerem de sua cintura, enquanto ele me soltava devagar. Neguei com a cabeça diante daquilo, e quis gritar para que ele apenas desaparecesse.

— O que achou? — perguntei, com meu corpo ainda tremendo, e o último resquício de lucidez que me restava gritou em meu âmago: *Burra!* — Achou que ia aparecer depois de dois anos e me foder como um casinho proibido no meio do nada? — as palavras saíram tão sem vida, que jurei que o que restara de mim saía dali.

Olhei-o e seu rosto parecia incrédulo.

— Gabriela...

— Eu tentei, eu juro! — falei, e fiz um sinal com a mão, indicando

o andar debaixo. — Eu tentei que a noite fosse menos pior e até mesmo, me deixei enganar que podíamos voltar a ser amigos por alguns minutos. Só que aqui... — ri sem vontade. — Está querendo me deixar maluca de vez? Agindo como se me desejasse desse jeito?

— As coisas não são assim.

— As coisas são o que são. — dei um passo à frente, encarando-o sem medo e escondendo o que restara de meu coração e negando o que meu corpo gritava para ter. — Não vou ser um caso que escolheu depois de dois anos... — ri com desprezo, sem conseguir crer que talvez fosse realmente aquilo. — Poderíamos foder e seguir em frente, claro. Mas acho que seria demais deixar o cara que me negou tão bravamente, ter isso tão facilmente.

— Gabriela, me deixa falar e...

— Você é gostoso, e com certeza, isso não é uma novidade para você! — fiz um sinal de descaso com as mãos e o encarei novamente. — Porém, existem muitos outros homens no mundo, Antônio. Existem pessoas capazes de darem *tchau* ou *adeus* sem pisar na outra. Ainda mais, em quem você dizia significar tanto.

As palavras pareceram atingi-lo em cheio e notei seu olhar mudar por completo, enquanto ele passava uma mão pelo rosto.

— Eu só queria te ver. — anunciou por fim, e tentei buscar verdade em seu olhar. Contudo, resolvi não procurar por mais nada. *Por que eu desejaria encontrar, afinal?* Ele não era meu. Eu não era dele. Não éramos mais nada. — Eu não pensei que te olhar, depois de tanto tempo me deixaria louco a ponto de te atacar assim. — admitiu e tive que sorrir de tamanho absurdo.

— Jura? Então agora o culpado é o tempo que ficamos sem nos ver pessoalmente... — analisei as palavras e neguei novamente com a cabeça. — Uma ótima desculpa.

— É a verdade, Gabriela. — olhou-me profundamente, como se segurasse para não vir até mim novamente. — Por mais que queira não enxergar agora, e que eu tenha feito toda aquela merda... A verdade é que nunca sei me controlar quando se trata de você.

— O que vai ganhar fodendo a irmã mais nova do seu melhor amigo? — perguntei por fim, ignorando o fato de que suas palavras foram devastadoras para minha mente.

A mesma mente que rodou atrás de respostas do porquê ele estaria com outra justamente no dia em que sempre foi tão especial para nós. Uma ligação que nunca pensei que quebraria tudo. Uma chamada atendida que terminou o que sequer começou. Uma amizade destruída por um amor rejeitado. Tudo naquilo era péssimo no fim.

Eu me sentia péssima em estar ali, me prestando a tal papel. A boca inchada pelo beijo que eu não sabia se conseguiria arrancar de meus lábios tão cedo. O meu corpo cravado com cada parte do dele que me tocara com tamanho afinco. O olhar escuro que eu não sabia se poderia esquecer. Nunca o fizera.

— Sabe que eu nunca brincaria com você. — falou, e me vi rindo novamente.

— Isso parece um show muito ruim de piada. — falei por fim, já pensando que me afundaria na banheira e só sairia dela quando o cheiro dele se fosse por completo. — Eu não sei mais nada sobre você, desde o momento em que fui tratada feito nada. Por que não posso fazer o mesmo? Por que está aqui ouvindo e querendo todo esse drama? Vamos virar a página e seguir em frente! — bati duas palmas, como se fosse fácil. Para ele, parecera que foi. Ao menos, pela forma como tudo se seguiu.

— Para você pareceu fácil. — falou, como se me acusando e franzi o cenho. — Fotos em bares, baladas, festas, shows... Nos braços de outros ou quem quer que fosse. Não venha me dizer que ficou dois anos chorando por ter sido um babaca com você. Esse drama que diz, nunca existiu, até eu bater na sua porta.

— Desde quando me conhece tão bem? — indaguei, empinando o queixo e sentindo a raiva se espalhar por cada centímetro de meu corpo. —

Desde quando pensa que sabe tudo sobre mim?

— Sei o suficiente para saber que não me esqueceu. — as palavras bateram tão forte, que neguei meu coração de acelerar por ele novamente, por mais que ele pulasse no peito. Era aquilo. Eu sabia que não tinha superado. — Nem que seja apenas saudade da nossa amizade. — complementou, e notei a insegurança em seu olhar, como se não soubesse no que acreditar. *E no que eu poderia acreditar?*

De repente, tudo se tornava uma bagunça e eu tive que gargalhar alto. Do drama a raiva iminente. Era como se Antônio desejasse despertar o pior em mim, ignorando por completo a minha racionalidade.

— Posso continuar “não te esquecendo”... — fiz aspas com as mãos, como se ironizasse toda a situação, e querendo que ele entendesse que não existia mais chance ali. — em outras camas. Ou na minha. — sorri, sabendo que a frase era tão infantil quanto a dele.

Mas era exatamente aquilo. Se não podia com eles, me juntava a eles. O seu maxilar endureceu e segurei o riso, que poderia manchar o momento. Eu sabia que ele tinha ciúmes de mim, no passado, como bom amigo protetor que era. Ali, vi-o claramente odiando o pensamento. Que se danasse o fato de que me iludia com o simples incomodo que percorria seu corpo. *Que ele se fodesse!*

Vi-o sorrir abertamente no segundo seguinte e o encarei sem entender absolutamente nada. Algo parecia não ornar de modo algum com aquela noite maluca que vivíamos.

— Eu temi que fosse indiferente a mim. — falou por fim, e odiei o fato de que eu fazia, novamente, exatamente o que ele queria. — Ainda vai me ouvir, e quem sabe, perdoar. E eu... — deu um passo à frente, chegando próximo o bastante para quase encostar nossos lábios. Não me movi, sabendo que se me afastasse, poderia admitir novamente que ele tinha razão. Ele não teria. — Eu vou estar aqui.

— Não vai estar amanhã. — sorri, dando um passo atrás e lhe dando minhas costas de presente. Senti seu olhar me queimar por inteira, e quando finalmente adentrei meu quarto, encarei os lençóis mexidos e vi-me presa ao sonho de tê-los bagunçados com ele. — Que merda você está pensando, Gabriela? — perguntei baixo para o nada, odiando que mesmo após tudo, eu ainda parecia apenas a mesma para com ele. Tudo poderia ter mudado, mas quando o olhava, era como se o tempo tivesse parado apenas para nos ter ali, frente a frente.

Retirei meu robe e a camisola em seguida, correndo para o banheiro e colocando a banheira para encher. Nunca colocara tantos sais de banho como naquele momento. No segundo em que adentrei a água quente, submergi e em meus pensamentos, a bagunça de tudo aquilo que

acontecera em poucas horas, me acertara em cheio.

Eu precisava tirar o cheiro dele. Eu precisava tirar o gosto dele. Eu precisava tirá-lo dali, logo.



“E eu acho que nós terminamos do modo comum

E a história tem poeira em cada página

Mas às vezes me pergunto como você pensa sobre isso agora

E eu vejo seu rosto em cada multidão”^[7]

Gabriela

Batidas na porta me fizeram franzir o cenho, enquanto eu

terminava de pentear os cabelos ainda molhados. Pelo horário, poderia até ser Fabiana, contudo, sabia que naquele dia, ela chegaria algumas horas mais tarde, devido a um compromisso na escola do filho mais novo.

Respirei fundo duas vezes antes de tomar coragem de abrir a porta. Sabia que poderia ser ele. Depois de tantas palavras jogadas durante aquela noite. Depois de tentar esquecer e acabar em seu colo. Depois de um beijo tomado que não deveria nunca ser denominado de tal forma. Depois de querer amaldiçoar o nome dele em cada canto daquela casa. Ali estava eu, sabendo que eram quase seis da manhã, e que poderia ter aquele olhar do outro lado da porta.

Por que eu simplesmente não o mandava embora?

Por que não era tudo tão descomplicado a ponto de não sentir nada?

Abri a porta, com a pior expressão que poderia ter, e me surpreendi no segundo em que os olhos claros de Fabiana encontraram os meus.

— Bom dia, patroa. — falou, e ri dela, sabendo que era o seu jeito de me chamar desde o primeiro dia, mesmo que vivesse reinsistindo para me chamar pelo primeiro nome. — Parece decepcionada em me ver. — complementou e eu soltei o ar que mal sabia que segurava.

A calça legging na cor preta e um top, para poder correr ainda naquele horário, antes que tivesse que receber alguns fornecedores e só

parar perto da hora do almoço.

— Tenho que correr. — fiz uma careta, tentando disfarçar o fato de que na verdade, imaginei que era outra pessoa. — Aliás, acabou vendo Antônio por aqui? — indaguei, e ela arregalou os olhos, assentindo. Sabia do poder da beleza dele para qualquer pessoa. Sabia ainda mais pelo fato de eu sentir aquilo à flor da pele.

— Parece que foi ontem que vocês três viviam por aqui, todo final de semana. — comentou e forcei um sorriso, sem querer pensar no passado. Fabiana trabalhava naquela casa há dez anos, e conhecia-nos bem o bastante, para que soubesse que um dia, eu fora a agregada oficial da amizade de meu irmão mais velho com ele. — Ele disse que está te esperando no lago. — franzi o cenho, sem entender absolutamente nada. — Não disse mais nada, antes que pergunte.

— Ele vai esperar o dia todo lá. — dei de ombros e ela segurou um sorriso. — Aliás, o compromisso com seu filho?

— Acredita que remarcaram em cima da hora? — indagou, parecendo enfurecida, e sorri, ao sair do quarto e seguir pelo corredor com ela. — Agora, só na próxima semana, mas aviso com antecedência, patroa.

— Não precisa se preocupar quanto a isso. — avisei, enquanto descia os degraus da escada em direção a saída principal. — Aliás, se

conseguir expulsar Antônio daqui, te daria férias hoje mesmo.

— Sabe que odeio férias, patroa. — ri, sabendo que era verdade, e que fizera uma péssima proposta. — Ele parece diferente das outras vezes que o vi por aqui, há o que... uns dois anos?

Assenti, dando de ombros. O que eu poderia dizer a ela? Dei-lhe um leve aceno e coloquei os fones de ouvido sem fio na orelha. Ajeitei o Ipod e me alonguei ao som de um sertanejo que a tanto tempo não ouvia, e me senti realmente na famosa sofrência que jurei um dia ter superado. Mas quem poderia superar qualquer modão?

“Tão dizendo por aí

Que nunca se esquece um amor

Vai com calma, espera aí

O que foi mesmo que você falou?

Você foi a melhor coisa que eu nunca tive

Por pouco eu não me iludo

Obrigada por estragar tudo”^[8]

— Obrigada por estragar tudo. — cantei junto a música em meu fone e comecei a correr.

A cada respiração controlada que dava, refazia meu caminho para que não parasse nem o mínimo possível perto do lago. Sabia que Antônio estar ali não era por nada. Ainda mais, faltando tão poucos dias para o meu aniversário. Por mais que tentasse me fazer de burra ou cega, sabia que ele se arrependia, lá no fundo, pela merda que fez. Mesmo assim, o arrependimento dele e aparecer ali dois anos depois, não mudava absolutamente nada. Na realidade, piorava tudo.

Após cinco quilômetros diminuí o ritmo até parar de vez, com uma leve camada de suor percorrendo todo meu corpo. A playlist ia de mal a pior no quesito de me fazer querer cantar algo e voltar aos tempos de associá-lo a tantas canções. Girei no lugar, cantando mais uma vez com Marília e apenas me concentrando em não pensar tanto, e apenas fingir que era mais um dia.

Pelo que sabia, Ane chegaria o mais cedo que pudesse ali. Não sabia o que Antônio queria, além de me infernizar, no entanto, a forma como pareceu decidido ontem, não parecia nem um pouco inclinado a sair. Uma desculpa esfarrapada para aparecer na minha porta e agora, simplesmente não ia. Fechei os olhos novamente, cantando algo para o

nada, ou melhor, para os pássaros que me saudavam todas as manhãs.

— “*E o que vai ser de mim*

E o meu assunto que não muda?

Minha cabeça não ajuda

Loucura, tortura

E que se dane a minha postura

Se eu mudei, você não viu

Eu só queria ter você por perto

Mas você sumiu

É tipo um vício que não tem mais cura

E agora, de quem é a culpa?”^[9]

— A culpa é sua por ter esse sorriso.

A voz rouca me tirou do torpor e paralisei, procurando seu olhar. Ele trazia consigo uma cesta de madeira, e um olhar que poderia jurar, lia toda minha alma. Os cabelos negros brilhando contra os primeiros raios solares. A pele bronzeada, que deixava claro que ele ainda deveria treinar

pesado ao ar livre. A roupa casual, um short de moletom, chinelos e camiseta preta, que me faziam lembrar em como sempre foi fácil entre nós.

Por que tinha que ser aquela bagunça no fim?

Fugi do mesmo, e foquei em aumentar o volume no fone de ouvido. Apenas me virei e comecei a correr novamente, sabendo que por mais que tentasse, carregando aquilo, seria praticamente impossível de ele me alcançar. Surpreendi-me no segundo em que senti a presença de outra pessoa ao meu lado. Pisquei algumas vezes e olhei para seus pés, notando-os descalços.

Parei de correr de imediato e ele fez o mesmo.

— Não tem que ir trabalhar na cidade? — a pergunta saiu irônica e odiei o fato de não estar conseguindo apenas ser indiferente. Algo nele, fosse o simples olhar, ou a saudade que me atingia em cheio em tê-lo tão perto, não me permitia. Era como um escudo.

— Gosto de te ver a luz das estrelas, mas consegue ficar ainda mais linda a luz do sol.

Olhei-o como se tivesse um olho na testa e revirei os meus em seguida.

— Está ainda na fase de querer foder comigo? — perguntei, passando uma mão pelo rosto, sem mais saber como agir.

Era cansativo, no fim. Era exaustivo ter que subir uma armadura que lutei tanto para construir a cada cinco minutos. A distância me permitiu apenas colocar tijolo sobre tijolo. E agora, percebera o quanto a construção fora mal estruturada.

— Sei que mereço que pense isso de mim. — falou, e deu um passo à frente, trazendo a mão à frente do meu rosto, da qual desviei e não o permiti me tocar. — Sei que demorei demais e que não quer me ouvir.

— Pensei que esses dois anos sem qualquer resposta das suas tentativas fossem o suficiente. — rebati, praticamente reafirmando o que ele dissera. — Eu não vou acreditar nesse papo de cão arrependido, Antônio. E eu não vou foder com você.

— Não estou aqui para te foder. — respondeu, como se cansado do fato de eu falar tão abertamente sobre aquilo, ou até mesmo, irritado. Não conseguia compreendê-lo, mesmo que quisesse. — Estou aqui porque não posso mais evitar.

— O que te disseram para aparecer aqui, tão de repente assim? Para aceitar um trabalho nesse fim do mundo que não deu as caras por tanto tempo? Achou que eu estava com alguém e seu ego foi ferido? Ou sei lá qual outra maluquice teria te trazido aqui?

— Eu vi uma foto sua. — soltou o ar com força e desviou o olhar.

— Uma foto que você me deu no meu último aniversário em que estive. Eu vi, e entendi que por mais que quisesse respeitar a sua distância e o que nos condenei... Eu não te tirava da cabeça, muito menos, da minha vida, mesmo que lutasse todos os dias.

— Do que diabos estamos falando? — indaguei, negando com a cabeça. — Viu uma foto minha, que deve estar até amarelada, e aí pegou o carro e veio parar aqui, para sei lá, tentar ser meu amigo de novo?

— Para consertar as coisas, menina.

O tom carinhoso. O olhar perdido. A forma como aquele corpo grande e alto a minha frente se envolvia tão perfeitamente em cada limite meu. *Foco, Gabi!*

— O que quer de mim? — perguntei de uma vez.

— Não uma foda. — respondeu de imediato, como se não suportasse o fato de eu nos resumisse aquilo.

Tentei disfarçar a dor de pensar sobre e ignorar o fato de que ele me beijara com tanta paixão naquela madrugada, que minha mente me levou para crer novamente no que apenas tentava evitar – de que ele sentia o mesmo. Era a maior piada de mau gosto que contava a mim mesma em anos.

— Eu não vou te beijar mais, é uma promessa. — falou por fim, e

seu olhar era todo meu, como se buscasse passar por ele, uma verdade da qual não poderia duvidar. Mal sabia ele, que desde aquele aniversário, duvidei de tudo a respeito dele. — Eu não vim aqui para te confundir ou foder ainda mais as coisas.

— Seremos amigos novamente, te daria paz? — perguntei e ele negou de imediato.

— Não ficar sem saber como falar, estar ou ficar ao seu lado, me daria. — admitiu, e notei a profundidade de cada verbo que soltara. — Não vou exigir mais do que pode me dar. Eu só queria uma segunda chance para...

— Amigos então? — cortei-o e estiquei uma mão, sabendo que se me apegasse a qualquer outro detalhe, seria de fato uma bagunça que não poderia lidar.

Tentar ser amiga dele por algum tempo, parecia mais fácil do que simplesmente expulsá-lo. *A quem eu queria enganar?* Era bom tê-lo ali. Além do que deveria ser.

— O que puder me dar, menina.

Ele fazia um jogo com as palavras, no qual, eu não sequer poderia imaginar se era outra invenção de minha mente. No segundo em que apertou minha mão, e sorriu levemente, pelo fato daquela proximidade,

tudo de mim pareceu na borda para simplesmente voltar atrás e mandá-lo para longe. O fizera há dois anos e não superara. Era o meu momento de superar, tendo-o ali, tão perto a ponto de querer me queimar de vez, sem restar qualquer parte.



“Eu não consigo decidir se é uma escolha

Me deixar levar

Eu ouço o som da minha própria voz

Pedindo a você para ficar”[\[10\]](#)

Gabriela

Era uma péssima ideia.

Suspirei fundo, ouvindo-o falar sobre como o trabalho ia, e minha mente se perdendo pelo fato de estarmos próximos novamente. *Apenas eu sentia a estranheza de aquilo não ser estranho?* Levei outro morango a boca, tentando me impedir de falar qualquer besteira e me concentrando em apagar cada resquício dele de meu coração. Eu gostava dele antes de se tornar romântico. *Era possível fazer o caminho inverso?*

— Quanto tempo pensa em ficar aqui? — a pergunta saiu livremente entre meus lábios e ele franziu o cenho, fazendo uma leve careta em seguida. Segurei internamente uma risada, porque me via adorando cada pequeno detalhe dele. — Não estou te expulsando, mas...

— Não consegui me expulsar até agora e torço para que isso não aconteça tão cedo. — olhei-o com certo desdém e ele abriu um sorriso. — Eu estou de férias, a partir de amanhã, na verdade. — arregalei os olhos de imediato e parei com o morango que iria colocar na boca.

— Você nunca tira férias, a não ser, se tiver uma viagem incrível. Mas no incrível temos um milhão de opções, e esse finzinho de mundo não é uma delas. — esclareci e ele assentiu, passando as mãos levemente pelos cabelos. Ele sabia que aquele gesto era quente? Ou era apenas quente aos meus olhos? Duvidava que fosse.

— Você está aqui, menina. — falou, com tamanho carinho, que me vi teletransportada para o nosso passado.

No qual, ele sempre esteve lá por mim. Suspirei profundamente, e não cheguei à conclusão se adorava ou repudiava aquilo. Eu não poderia querê-lo como homem, portanto, era bom saber que ele voltava a ser o mesmo de antes. Antes daquela noite. Carinhoso ao extremo. Cuidadoso em excesso. Eu era realmente uma pessoa emocionada, por estar refletindo tanta coisa em uma simples fala.

— Poderia ter dito a verdade quando apareceu aqui. — dei de ombros, fugindo do assunto. — Que queria que a gente fosse amigo de novo, ou tentasse. Sei que ainda tem o trabalho na cidade hoje, mas mesmo assim...

— Você nunca ia me ouvir. — falou de imediato e neguei com a cabeça, mesmo sabendo que era a realidade. Não era uma pessoa de ouvir, a não ser, que fosse algo de extrema importância. — Ainda mais, porque não quis me ouvir por dois anos. Então, pensei por que não despertar em você a ira, o que te faria não me mandar para rua de imediato?

— Sabe exatamente quais botões apertar, não é? — indaguei, odiando que aquilo fosse verdade. Ainda mais, que o toque dele também o fizesse. *Esqueça o beijo! Foque na amizade!*

— Às vezes penso que sei tudo de você. Às vezes penso que não sei absolutamente nada. — admitiu, e o encarei interessada, mastigando outro morango. — Sabia que você escolheria viver aqui, sempre brilhou por

cada canto dessa fazenda. Mas não faço ideia do que está pensando nesse exato segundo, por exemplo.

— Que esse morango está divino. — assumi, jogando o restante da fruta na boca. Era o último e vi-me sabendo que era a melhor deixa que poderia ter. — Mas ainda não me respondeu de quanto tempo vai ficar.

— Se me aceitar, até seu aniversário. — arregalei os olhos, e um grito quase pulou da minha garganta. — Sua reação me diz que é uma péssima ideia.

— Antônio... Somos praticamente desconhecidos há dois anos, e você quer passar quase um mês na mesma casa que eu? Que merda você anda tomando?

— Somos conhecidos por uma vida, Gabriela. — rebateu, como se fizesse todo sentido. — E você me deu a chance de consertar as coisas, lembra?

— Isso não tem nada a ver com o fato de estarmos sob o mesmo teto. — expliquei o que parecia óbvio para mim. Ele arqueou uma sobrancelha, como se me desafiando e odiei que ele realmente sabia o que fazia. — Tem mais dois dias aqui, e esse é o prazo máximo. — olhei-o decidida e ele fez um sinal de rendição com as mãos. — *Ótimo!* Eu preciso trabalhar, e você... Espero que tenha um bom dia resolvendo seja lá o que

for do trabalho também.

— Posso ajudar aqui depois se precisar. — ofereceu-se e eu neguei com a cabeça no mesmo momento.

— Estou bem sozinha, obrigada. — a frase poderia ter duplo sentido e ambos eram favoráveis a mim.

Levantei-me, olhando para a toalha de cor clara espalhada pela grama, na qual, ele colocara uma cesta que trazia frutas e suco. Ele estava tentando, e eu via aquilo claramente. Só não compreendia, porque ele tentava tão arbitrariamente naquele momento.

Dei-lhe um aceno com a cabeça e saí dali, deixando para trás. Poderia apenas esperá-lo vir, mas estava lhe entregando mais do que deveria, e tinha certeza daquilo. Portanto, por dois dias, aquilo deveria bastar. E tinha aquelas quarenta e oito horas para exauri-lo de meu sistema. Se não fosse pela distância, seria pela força do momento. Nunca precisei tanto tirar aquele sentimento de mim, quanto bem ali.



Assim que tirei meus sapatos, joguei-me de cara no sofá e fechei os olhos. Meus horários tinham sido mais corridos e puxados do que pensei que poderia ser, e de repente, apenas conseguia desejar uma comida e banho quentes. Senti meu celular vibrar no bolso traseiro da calça jeans e o alcancei, colocando-o em viva-voz assim que atendi.

— *Eu juro que chego em dois dias.* — Ane gritou do outro lado da linha, e me segurei para não contar a ela que precisava dela ali, desesperadamente.

A realidade era que não queria admitir a ninguém o quão fraca me sentia por deixar Antônio entrar. Por um momento, vi-me não nos definindo em um momento ruim. Vi-nos em panorama, e aquilo, me fizera deixá-lo ficar.

— Eu odeio você, sabia? — indaguei, sentindo meus olhos pesarem, e ouvi sua risada do outro lado da linha.

— *Sabe que conseguimos tudo em uma semana, mas a rainha da festa de aniversário não consegue lidar com a própria ansiedade pelo dia.* — *falou e revirei os olhos, apenas tentando ficar acordada.* — *Aliás, nada vai superar o ano passado.*

Ri de imediato, lembrando-me de nós, na Escócia. Perdidas por

pequenas cidades e cantando *parabéns* da forma mais improvisada possível, enquanto minha família batia palma por uma tela de celular. Fora diferente, e tudo o que eu precisava para não reviver qualquer momento que fosse naquele dia, um ano antes.

— *Você não tá escutando nada, né?* — perguntou, enquanto *minha mente viajou e lembrei de minha paixão escocesa que quase me fez largar tudo e morar em uma cidade que conheceria em um dia.* — *Pensando no escocês bonito que quebrou o coração?*

Ajeitei-me melhor no sofá, sentando-me meio de lado.

— O bonito escocês, vulgo, Michael, vai muito bem. — rebati e lembrei da foto que vira em seu Instagram com sua esposa. Michael fora uma paixão rápida, que queimou até onde pode, e me fez ver que conseguiria sim ser feliz com outra pessoa. Contudo, não arranhou sequer a casca de meu coração. E aquilo era o mínimo para me fazer ficar. — E não me faça pensar em uma barba ruiva sexy a essa hora, por favor. Eu estou morta, e nem um pouco a fim de lembrar...

— Interrompo? — a voz masculina invadiu o ambiente e dei um pulo no lugar, dando um grito fino de imediato.

— Puta merda, Antônio! — bradei, pegando o celular e tirando do viva-voz. Assim que o coloquei na orelha, ouvi Ane xingar todos os piores

palavrões possíveis. — Eu posso só te explicar depois? — perguntei, sabendo que ela apareceria ali amanhã se não lhe dissesse tim tim por tim tim do que o cara que eu nunca lhe deixara falar a respeito, fazia ali.

— *Eu chego amanhã se conseguir alguém que me substitua.* — falou de imediato e sabia que poderia contar com ela, sempre.

Porém, eu não era mais uma menina que corria de palhaços por medo. Estava na hora de lidar com Antônio e toda a bagagem que vinha com ele, sozinha.

— Eu estou bem, e te vejo em dois dias. — falei, para deixar claro que ela não precisava correr até mim. Eu daria conta. Na verdade, não tinha outra opção.

— *Ok, mas eu vou tentar mesmo assim.*

— Te ligo mais tarde, tá? — Ela respondeu um simples “ok, e grita socorro se precisar”, e desfiz a ligação. — Com certeza, está interrompendo. — respondi a Antônio, que permanecera parado no mesmo lugar, com o olhar claramente longe dali, talvez todo ele estivesse.

— Eu fiz o nosso jantar. — falou, e notei que as palavras não saíram tão doces quanto mais cedo. — Deve estar cansada e com fome.

— Comida e cama. — admiti, levantando em seguida. — Não me lembro de você saber cozinhar. — falei, enquanto andava até a cozinha, e

sentia seus passos as minhas costas.

— Aprendi um pouco nos últimos anos. — falou, e senti-o passar bem próximo a mim, assim que encostei contra a ilha da cozinha. — E não é nada demais, apenas massa e molho.

— Eu só quero uma comida quente, para ser sincera. Ia esquentar algumas das marmitas que Fabiana deixa pronta toda segunda. — comentei, sentando-me em uma banqueta, e vendo-o ir até a geladeira, para pegar algo.

Antônio sempre teve a abertura e intimidade de estar na minha casa e fazê-la sua. No entanto, era um cenário completamente diferente. Não éramos mais crianças. E eu, com toda certeza, não estava preparada para lidar com todo aquele cuidado.

— Servi o jantar do lado de fora. — falou, fazendo um sinal com a cabeça e o segui, sabendo que ele fazia tudo o que pudesse para me agradar.

Quem me conhecia, o mínimo que fosse, sabia que adorava jantar ao ar livre, e ficar com as estrelas e árvores de companhia. No segundo em que o vi depositar o vinho sobre a mesa, e puxar uma cadeira, da mesa que ficava na varanda, que daria para as árvores com balanços, pensei e repensei meus atos.

Ele estava tentando pelo que? Eu estava permitindo que ele tentasse pelo que?

A minha resposta veio como um soco no estômago e respirei profundamente, sentando-me na cadeira, e agradecendo-o em seguida. Pensei então, em como sonhei, noites e noites, como seria nosso primeiro encontro à luz de velas.

Anos depois, após ser rejeitada, aquilo acontecia. No momento e cenário menos prováveis. Não que fosse um encontro, estava mais para uma noite como qualquer outra. Contudo, nada parecia ser qualquer quando se tratava dele.

Peguei a taça que ele acabara de encher e trouxe o líquido para minha boca. Era o jeito que buscaria de colocar a cabeça no lugar e tentar não surtar diante da situação. Na realidade, não sabia como estava lidando até aquele momento. Ao menos, o trabalho fora tão cansativo, que me derrubaria cedo na cama. Não perderia mais uma noite de sono pensando nele.

Era o que esperava, enquanto os olhos castanhos me entregavam uma imensidão tão grande quanto as estrelas que olhavam por nós. A luz fraca da varanda, junto à luz das velas, juntando tudo em um conceito que gritava: um encontro. Porém, sabia quem era o homem à minha frente, tudo, que não poderia desejar ou entender, era que seria algo parecido.

Éramos apenas nós. Frente a frente. Seguindo em frente como amigos... Ao menos, eu estava ali por aquilo. Para esquecê-lo.



“Esperando de você até como você me trata

Você é meu bebê mesmo quando você me deixa

Talvez eu seja o culpado

Talvez eu seja a causa da dor (...)

Talvez eu seja o problema e a causa de tudo isso”^[11]

Antônio

— A comida estava ótima. — Gabriela finalmente falou, como se

tentando quebrar o silêncio que se instaurara. Diferente de mais cedo, na noite, tudo parecia nos trazer ao abismo que construí entre nós. O qual, permiti que ela estendesse e não parasse até aquele momento.

Para mim, olhar para ela, era o suficiente. Para mim, quebrar seu coração fora meu maior erro, mesmo sabendo que fora o melhor para ela. Ao menos, fora ao que me apeguei após deixar que as coisas chegassem ao ponto de tê-la me expulsando de sua vida. Tinha ido longe demais, sabendo que só daquela maneira, ela não insistiria naquele amor. Fugi dela mesmo sabendo que não podia fugir de mim mesmo. Muito menos, do que sentia.

— Que foi? — perguntou, colocando uma mão sob o queixo e me analisando com os olhos semicerrados. — Está olhando para o nada e parecendo pensar em tudo. — acusou e assenti de imediato, sem poder mentir. Na realidade, não conseguia mais.

Quando eu a vi novamente, foi como se pudesse respirar. Prolonguei aquela separação tempo demais para não compreender que estava abrindo mão da coisa mais bonita que eu já tive. A única coisa real que vi realmente acontecer comigo. O que sentia por ela era real, por mais que soubesse que antes não poderia ser nosso.

— Estava pensando em você. — falei, omitindo partes e vendo-a arquear uma sobrancelha. — Pensando se vai mesmo me enxotar daqui em

breve?

— Dois dias e me livro, olha que coisa boa. — debochou, fazendo-me sorrir. No entanto, sabia que minha presença exigia tanto do orgulho dela, que a qualquer momento, ela poderia mudar de ideia. E se ela batesse a porta na minha cara novamente, duvidaria que me escutasse gritando do outro lado. — Eu preciso, mesmo, da minha cama. — falou, levantando-se e retirando seu prato da pequena mesa. A proximidade e intimidade entre nós explodindo em cada nervo de meu corpo. Os movimentos leves dela, me fazendo entender que não tinha como fugir do sentimento, mesmo que tentasse tão bravamente. E eu tentei além do que pensei ser capaz.

Segui-a, retirando todo o resto da louça e levando-a até a pia. No segundo que terminei de depositar tudo ali, via-a se sentar sobre a ilha e me vi querendo apenas me infiltrar entre suas pernas e beijá-la.

Aquele beijo na madrugada fazendo meu corpo todo implorar por mais. Um momento de irracionalidade que poderia ter me custado ela, mais uma vez. Contudo, não poderia evitar. Já o fizera há dois anos e me custou tudo o que tinha de mais bonito em meu coração. Quebrá-la acabou por quebrar a mim mesmo. Um processo doloroso que não me deu escapatória. Uma trapa que criei e fiquei preso. Até chegar ali.

Se em meus sonhos seu gosto era abrasador, na vida real, ele era esmagador. A ponto de eu passar a noite perdido em sonhos com seu corpo

sob e sobre o meu, por tantas e tantas vezes, que não tinha ideia para onde poderia correr, a não ser, seus braços.

Sabia que ela poderia até me querer ainda. Até porque a sua entrega ao beijo deu-me a resposta de uma pergunta que não deveria estar fazendo. Contudo, ela me querer, e eu a querer não era o suficiente. Querer não é mais o suficiente após você ter quebrado tudo ao seu redor, e pior, a pessoa que te queria.

— Vá dormir. — falei, me aproximando a passos lentos dela, que parecia presa a algo na parede, como se pensando demais. *Ela ainda pensava em mim? Se sim? Até que ponto era bom? Ainda seria bom?*

— Sempre me perguntei como seria se eu enterrasse o que passei a sentir por você aos quinze anos. — suspirei pesadamente, parando ao seu lado e a encarando. — Agora eu entendo.

Suas palavras me acertaram em cheio e não soube como reagir. *Ela tinha me enterrado para si?*

— Eu achei que a solução fosse te evitar ou fugir... Mas a solução apareceu a minha porta ontem. — olhou-me, com um sorriso leve no rosto, como se estivesse tão bem consigo mesma, que mal percebeu o quanto as palavras tinham poder sobre mim. Mal sabia ela que todas as suas palavras tinham poder, desde sempre. — A gente pode deixar o que aconteceu lá,

no meu trágico aniversário de dezoito. — sugeriu, desviando o olhar apenas para tirar um cabelo preso a blusa.

Eu quis gritar que não. Eu quis pedir perdão novamente. Contudo, a calma que ela tinha ao dizer cada palavra, me fez parar. Sabia que não poderia escolher por ela novamente. Da última vez, a perdera por dois anos. Se ser seu amigo fosse o suficiente, eu seria. Ainda mais, porque sabia que não poderia estar com ela. Porque eu queria tudo, e ela deveria ter direito ao mundo. Ela merecia aquilo.

— Eu acho que entendo. — falei por fim, e tentei sorrir, o que foi em vão. Levei minha mão até seu rosto e ela não me afastou. O desejo naquele pequeno toque, se tornando tão incandescente que era claro que daquilo, não poderia fugir. Ela poderia não sentir como antes, mas eu duvidada que a faísca que nos unia ainda não permanecia ali. *Ela teria se apagado diante da minha chegada? Eu teria enterrado a mim mesmo para ela?*

Beijei levemente sua testa e me afastei aos poucos, tendo seu cheiro como meu, mais uma vez. Sabendo que no fim, queria tomar aqueles lábios como meus, sempre que pudesse.

— Boa noite, minha menina.

Ela sorriu e pulou da ilha no segundo seguinte. Vi-a seguir pelo

corredor e fiquei ali, sem saber como lidar com tudo aquilo. Lembrei-me da foto que me fizera parar ali, e que naquele instante estava na minha carteira, como lembrança constante de que eu era dele, mesmo que ela não soubesse ou não mais quisesse. A foto do seu sorriso perdido a minha frente, em um espelho do meu apartamento. Jogando em meu colo o fato de que perdi mais do que imaginei poder perder quando a rejeitei.

Era apenas para deixá-la livre, e no fim, acabei me aprisionando.

Sair com o carro no meio da noite e dirigir ouvindo as músicas que ela adorava, fez tanto sentido, que ali estava eu. No meio da cozinha da sua casa, longe de tudo que era meu, desejando ardentemente, que eu apenas pudesse ser dela. Eu tinha perdido a minha mente desde o momento em que saí daquele carro.



“Pois lá estamos nós de novo, e eu te amava tanto
Antes de você perder a única coisa real que você já teve
Era raro, eu estava lá, eu lembro de tudo bem demais”^[12]

Antônio

Terminei o banho, e puxei a toalha pelo box. Meus pensamentos tão longe, e ao mesmo tempo, tão perto dali. A alguns passos e eu estaria à frente dela. Se eu pudesse apenas saber. Se eu pudesse ao menos explicar.

Contudo, temia escolher por qualquer caminho que pudesse machucar, o mínimo que fosse, a ela novamente. Machucá-la estava fora de cogitação. Poderia lidar com sua raiva e ira, mas jamais, com sua dor. Ainda mais, se fosse causada por mim.

Assim que pisei no corredor, trouxe comigo os produtos que mudara de um banheiro para o outro. De repente, a função do chuveiro quente parara de funcionar no quarto no qual Gabriela me permitiu ficar, e que na realidade, era o mesmo no qual ficara quando mais novo, a não ser pelo fato de que o dividia com Fábio. Sorri com a lembrança, sabendo que fazia tão parte daquela família quanto poderia ser da minha.

Parei por alguns instantes, olhando diretamente para a porta dela, querendo, por um momento, apenas parar e ficar ali, com ela em meu campo de visão. Fazia tanto tempo que não a tinha por perto, que a saudade, mesmo estando tão próximos agora, era ainda mais esmagadora. Queria poder rodeá-la com tudo de mim e não mais deixá-la ir.

Levantei uma mão para bater na porta, mas me neguei no segundo seguinte, e segui pelo corredor, em direção ao meu quarto na outra ala. Por mais que fosse uma casa grande, com apenas ela morando, aquele lugar era cheio de vida. Era como se cada canto dele, contasse uma história sobre ela. Como sempre, ela era a luz por onde passava. Se ao menos, ela soubesse...

No segundo que abri minha porta com cuidado, ouvi o barulho de algo contra o chão e um gemido em seguida, junto a um xingamento. Soltei o que segurava de imediato e corri até ela. Quando a encontrei deitada no chão, encarando o teto como se desistisse de brigar com a gravidade, acabei sorrindo.

— Está tudo bem, menina? — perguntei, enquanto ela parecia se negar a levantar.

— Só queria entender como o chão está... — seu olhar veio para mim, e notei-o por todo meu corpo, que agora estava coberto apenas pelo tecido da toalha pendurada na cintura. — Agora entendi.

— O que foi? — indaguei, ainda sem entender, e lhe estiquei minha mão, para fazê-la levantar.

Ela veio de bom grado, o que me mostrava que estava cada vez mais à vontade com minha presença e menos desconfiada. Era como se ela me enxergasse como no passado, sem a parte do desejo que a vi se perder a cada segundo. *Ela via que me matava por dentro não poder tocá-la? Ela saberia o quanto exigia de mim não fazer o que realmente queria?*

— Você saiu todo bonito do banheiro e deixou um pequeno rastro de água por aí, que foi o suficiente para me levar de bunda *pro* chão. — reclamou, fazendo uma careta, e olhei-a por inteiro, como se procurando

algun machucado e me sentindo completamente culpado.

Não sei por quanto tempo fiz minha inspeção, mas de repente, vi-me preso a camisola branca que ela usava, e que deixava praticamente nada para a imaginação. *Ela é sua amiga, Antônio! Ela significa mais do que você pode mensurar, porra!*

— Eu estou bem. — sua voz soou baixa, e vi que me perdera por alguns segundos por seu corpo, sem conseguir sequer disfarçar.

— Desculpe. — falei, limpando a garganta e tentando controlar meu corpo para que não demonstrasse o desejo que me atingira em cheio. Ela sorriu levemente, e sua mão ainda estava na minha, como se para se equilibrar em um primeiro momento.

— Eu estou morrendo de sede e esqueci minha água lá embaixo. — falou, soltando-se de mim, e testando o chão a sua frente novamente. — Mas certeza que vou comer algo também. *Ai ai*, é por isso que eu não esqueço a água antes de dormir.

— Para não ceder à tentação de atacar a geladeira? — indaguei, enquanto ela dava mais alguns passos e segui em seu encalço, até pararmos na parte da escada.

— Exatamente. — bufou baixinho e ouvi-a sorrir, antes de passar ao seu lado e fazer menção de seguir para meu quarto. — Aliás, vou atacar

o que sobrou do jantar.

— Posso cozinhar sempre que quiser. — ela negou com a cabeça e veio para perto de mim, tocando levemente meu rosto, como se me testasse e levasse ao extremo sem ter a mínima ideia.

Ela não sabia de fato do tamanho poder que tinha sobre mim. Aquele toque dela, para comigo, que era tão comum em um passado, que de repente, não parecia tão longe.

— Vai é colocar uma roupa. — falou, e se afastou, descendo alguns degraus. — Te vejo amanhã!

— Até amanhã, menina.

Gabriela

Eu parecia, finalmente, estar conseguindo lidar com os sentimentos dentro de mim. Assim como, parecia conseguir blindá-los dele, e ao mesmo tempo, acreditar que poderia de fato voltar a ser sua amiga. Não poderia negar que desejava tal coisa, ainda mais, porque a saudade parecia maior do que qualquer orgulho.

Ele estava tentando.

E eu, fazia o mesmo.

Desci as escadas, levando uma mochila nas costas, enquanto uma bolsa nas mãos. Sabia que seria um dia corrido e não poderia me atrasar de modo algum. No segundo em que parei no último degrau, dei de cara com Antônio que parecia querer subir.

— Bom dia! — falei, dando-lhe espaço para passar, e levantando a bolsa de forma melhor nas mãos. — Tenho que ajudar uma amiga na cidade, então, tenho que correr.

— Compromisso importante? — perguntou, e senti-o as minhas costas, como se me seguindo até o lado de fora. Virei-me, parando e vendo que seria um ótimo momento para usá-lo a meu favor.

— Está mesmo de férias, não é? — indaguei e ele assentiu, parando com as mãos no bolso da calça jeans escura que se apegava perfeitamente a cada pequeno detalhe dele. *Foco, Gabriela!* — Pode ser meu motorista hoje, então? Valendo a conquista de amigo do dia?

Não sabia ao certo o que estava fazendo, incluindo-o na minha vida de forma tão fácil como aquela. Porém, já que estava na chuva era para se molhar. Sorri abertamente, esperando uma resposta positiva, e vi-o caminhar até a mesa de centro da sala, pegando as chaves do seu carro, que

sequer sabia que estavam ali.

Ele parecia tão bonito naquele lugar. Ele parecia tão no lugar certo quando estava próximo a mim. Pisquei algumas vezes, espantando os pensamentos e tentando apenas encontrar meu *amigo* ali. Ele sorriu e levantou as chaves nos dedos.

— Isso! — comemorei, tanto porque odiava dirigir porque amava ao máximo poder cantar quando estava no carro. No caso, não conseguia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Na última vez que tentara, acabara com meu carro em um poste. Uma experiência ruim para nunca mais. — Pode me dizer se ainda tem aquela playlist minha no seus salvos? — perguntei, assim que adentrei o carro enorme que ele viera.

— Eu tenho tudo sobre você aqui, menina.

Bati palmas, em comemoração, ignorando o carinho em sua voz, e já cliquei no painel do carro, como se soubesse mexer em tudo ali. Sabia no mínimo, mas no segundo em que vi uma de minhas músicas favoritas continuar, deixando claro que ele a ouvira enquanto vinha para cá, meu coração amoleceu por completo. Olhei-o de esguelha, enquanto ele saía com o carro, e me perguntei ele pensou em mim o tanto quanto eu evitei pensar sobre ele durante aqueles dois anos.

Foquei então na música, enquanto colocava o cinto de segurança, e

não poupei minha voz. Antônio me aguentava em um carro, gritando de Taylor Swift a Marília Mendonça há muito tempo, portanto, ele sabia exatamente o que esperar quando aceitou ser meu motorista por um dia.

“Essa esperança é traiçoeira

Esse devaneio é perigoso

Essa esperança é traiçoeira

Eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu

Dois faróis brilham na noite insone

E eu vou te buscar, te buscar sozinha

Seu nome tem ecoado na minha mente

E eu apenas acho que você deveria, acho que você deveria saber

Que nada seguro vale a viagem

E eu te seguiria, seguiria até em casa”^[13]

Encostei-me contra o banco, sorrindo no segundo em que sua voz acompanhou a minha, e me senti flutuar como há muito não fazia. Antônio era o tipo de pessoa que não se conseguia superar, ainda mais, se ela não

desistia de você.

Eu escolhi ignorar os e-mails, mensagens, ligações, enquanto me colocava em qualquer outro lugar do mundo que não fosse o mesmo que o dele. A questão era que sempre fora mais que amor, sempre foi *a gente*. Por aquilo a dor fora tamanha. Por aquilo, entendi, que não o esqueceria. Não como homem, mas sim, como parte de mim.

— Vira à esquerda aqui. — instrui-o após alguns longos minutos de gritos musicais, enquanto ele virava com cuidado e paramos à frente da casa que Letícia morava.

Conhecia-a por acaso no supermercado e não sabia como, acabamos ficando amigas mais rápido do que trocamos telefones. Além de que, esbarramo-nos novamente quando transferi meu curso de administração para a faculdade mais próxima dali, na cidade vizinha, a qual ela também se formara em administração. Aquilo nos levou a sermos parcerias de choro, bebedeira e comemoração, quando finalmente, pegamos os canudos em mão.

Ela teria um jantar de noivado naquele dia, e exigiu que eu estivesse ali para ajudá-la. Segundo ela, que quando viu me maquiar pela primeira vez, nenhuma outra pessoa poderia fazer o mesmo com ela. Por conta daquilo, remarcara todos meus compromissos para o dia anterior, para que pudesse estar com ela, enquanto buscávamos o vestido e se ela

não mudasse de ideia, pudéssemos começar a testar algo para a maquiagem. Era uma responsabilidade tremenda, porém, sabia que era boa naquilo.

— Você pode ir na fazenda se quiser. A gente vai em algumas lojas aqui perto e depois só Deus sabe. — comentei e coloquei a mochila novamente nas costas. — Obrigada por me trazer.

— Vou te esperar aqui. — anunciou e neguei de imediato com a cabeça.

— Você vai torrar nesse sol, isso sim. — falei o óbvio, julgando tanto a sua escolha de roupas quanto o fato de querer ficar dentro de um carro, se poderia estar em qualquer outro lugar. — *Sério, Antônio!* Eu vou demorar e muito.

— Não tenho nada para fazer. — falou, piscando um olho e sorrindo de lado.

Tentei não pensar muito sobre a forma como aquele simples gesto me atingiu, no entanto, sorri e pulei do carro sem pensar mais. Assim que fechei a porta, dei-lhe um aceno com as mãos e segui para a casa da minha amiga. De repente, vi-me indagando se não estava piorando tudo, tendo-o tão perto.



— É o seu quinto vestido e tenho certeza que vai ficar no primeiro!

— falei, e Mabi, a melhor amiga dela gritou do lado, concordando e *mal dizendo* Letícia ao mesmo tempo. Nunca conhecera uma pessoa tão incerta quanto ela. Sorri, no segundo em que ela se deu por vencida, voltou para o provador e saiu com as roupas que chegou. — E qual o vestido?

— O primeiro. — respondeu sem muita vontade, mas sorriu em seguida, fazendo-me fazer o mesmo.

— Eu sabia que ia nos torturar com a sua indecisão. — Mabi falou ao seu lado, provocando, e eu acabei rindo das duas, que me remeteram a como Ane sempre parecia me entender tão perfeitamente. O tipo de amizade que você não sabe como, mas aquela pessoa, se torna praticamente sua alma gêmea.

— E agora, você vai se limpar toda, ficar maravilhosa, e eu volto em no máximo meia hora para te maquiar por completo. — falei, e ela praticamente voou até mim, abraçando-me com carinho. Estávamos no meio da rua, como sempre não muito movimentada, e fiquei feliz por ela

ser uma das pessoas que me fazia sentir ainda mais feliz que escolhera o lugar certo como lar. — Essa cor ficou maravilhosa. — falei, após o teste que fizemos para qual seria sua sombra, e que ela trazia consigo no olhar.

— Quer uma carona? — Mabi perguntou, e sabia que não morava nem um pouco próxima da fazenda, mas ela sempre parecia querer ajudar quem fosse.

— Um amigo me trouxe. — falei, e me virei para procurar o carro enorme e imponente de Antônio, que se destacaria facilmente naquelas ruas.

— Se o seu amigo for o gostosão dentro da lanchonete, preciso dizer, que eu o mudaria de posição. — brincou, fazendo-me franzir o cenho e ter quase absoluta certeza de que só poderia ser Antônio. Ele não vinha a cidade há um bom tempo, e com toda certeza, sua beleza deixaria muita gente impactada.

Olhei em direção aos vidros transparentes e o localizei lá dentro, tomando algo, perdido em seu celular.

— Ele mesmo. — falei, agradecendo-a internamente por tê-lo localizado por mim.

— O burburinho no grupo da cidade hoje é sobre o cara que ninguém conhece, mas a maioria adoraria conhecer. — ela explicou e

fiquei incrédula, pegando meu celular e entrando no grupo, vendo que tinham fotos dele por lá, assim como, muitas pessoas comentando se alguém tinha noção de quem ele era.

— Essa cidade pode ser terrível, às vezes. — brinquei, guardando o celular no bolso e indo até ela, dando-lhe um beijo no rosto. — Vejo vocês daqui a pouco.

— Aliás, vou mandar no grupo que o gostosão tem dona e... Não acha que deveria convidar ele também, Leti?

— Eu acho perfeito! — Letícia falou, antes que eu pudesse interferir ou negar. — Então te espero lá, com o gostosão a tiracolo. Sem desculpas.

— Mas...

— Tchau! — falou e praticamente correu para dentro do carro de Mabi, que sorria abertamente, parecendo saber exatamente o que fizera.

Era estranho ver pessoas que não conheciam absolutamente nada da nossa história, torcer por algo que nunca chegaria a existir. Bom, *existiu*, nos meus pensamentos mais malucos. Entrei na lanchonete e fui até ele, sentindo o olhar dos curiosos sobre mim, enquanto cumprimentava algumas pessoas.

Sentei-me a sua frente, e finalmente, ele pareceu me notar.

— É o assunto da cidade hoje. — esclareci e ele franziu o cenho, claramente sem entender. — Cidade pequena, muita gente curiosa, sem grandes acontecimentos... — expliquei por cima, e ele me encarou ainda um pouco desconfiado. — Aliás, está convidado para o jantar de noivado da minha amiga. — anunciei, sabendo que se não aparecesse com ele, era capaz de Letícia mandar alguém buscá-lo. — E *não* seria uma resposta inútil.

— Eu já ia dizer “sim”, menina. — falou, arqueando uma sobrancelha e vi-o terminando sua xícara, que pelo cheiro, só poderia ser café. — Temos que ir agora, então?

— Preciso ir para casa, me arrumar e estar aqui mais cedo para fazer a maquiagem dela. — expliquei, e ele pareceu entender.

— Já comeu algo hoje? — perguntou, surpreendendo-me e lembrei que apenas mordisquei alguns aperitivos durante o rápido almoço com elas. Minha cabeça cheia não me permitia pensar em comer, era algo quase que automático. E era claro, que Antônio também conhecia aquele meu lado. — Vou fazer algo rápido para você comer. — falou, e se levantou em seguida. Vi-o ir até o caixa e pagar, enquanto várias cabeças viravam em sua direção. Ri sozinha, sabendo que ele era a novidade. Um dia, há cerca de um ano que me mudara de vez para lá, eu também fora.

Segui-o, e senti uma de suas mãos nas minhas costas, enquanto ele

nos guiava em direção ao carro, que finalmente localizei, bem no final da rua principal. O toque dele era quente, sobre o tecido fino da regata nadadora preta que eu usava. O contraste entre nós gritando. Ele todo cara da cidade Eu toda menina do interior. Não existia um meio termo ali.

No segundo em que entrei no carro, soltei o ar com força, sem saber porque parecia tão incomodada de repente. Quando virei meu olhar para Antônio que estava concentrado colocando o cinto de segurança, senti aquela tensão de meu corpo, emanar por todos os lados. Corri para ligar a música e tentar deixar minha cabeça presa a qualquer coisa, menos no fato de que um simples toque, e eu parecia hipnotizada. Assim que a canção começou, pensei em mudar de imediato, porque era a realização de uma catástrofe.

— Lembro de ser uma das suas músicas favoritas.

Parei a mão no lugar, sem ter a coragem de mudar, mesmo que aquilo me torturasse. Precisava não o deixar perceber que ainda mexia comigo, mais do que deveria, e mais do que eu gostaria.

No segundo seguinte, sua voz se tornou parte da canção e eu fechei os olhos, fingindo que poderia lidar com tudo aquilo, apenas com minha audição. Era o jeito, de poder apenas fugir sem demonstrar que o fazia.

E como a All to Well dizia e ele ainda cantava, como se não fosse

tortura o suficiente, eu realmente me sentia: *“E eu sei que isso foi há muito tempo atrás e aquela magia já não está mais aqui. E eu posso estar ok, mas não estou nada bem.”*



“Estas são as mãos do destino

Você é meu calcanhar de Aquiles

Esta é a era de ouro de algo bom

E certo e real”^[14]

Gabriela

Olhei mais uma vez para o meu reflexo, e o vestido na cor rose se destacava perfeitamente em cada curva minha. Levava um cardigan em

mãos e mal me recordava da última vez em que estive em um lugar, em um vestido, com Antônio à minha espera. Na última vez, ele não estava lá.

Passei o batom vermelho, e suspirei profundamente. Fechei os olhos, querendo jogar as lembranças para longe. Não queria me prender mais ao que aconteceu há quase dois anos. Não queria pensar que teria que nos resumir aquilo.

Era um recomeço da nossa amizade, acontecendo ali, sob o teto em que escolhi como meu. Saí do quarto em seguida, levando apenas a bolsa com os produtos que testei e Letícia aprovara. Olhei rapidamente para o meu celular e sabia que tinha apenas mais cinco minutos para chegar a tempo de fazer tudo o que precisava, e de deixar a noiva pronta para o seu jantar de noivado.

Abri a porta, e quase dei um pulo no lugar ao dar de cara com Antônio, que estava perfeito dentro de uma roupa social, que sempre lhe caíra perfeitamente. Tons pretos no blazer e calça feitos sob medida, junto a camisa de cor clara. Ele não sorriu de imediato, mas pareceu mapear cada centímetro meu com o olhar, como se não conseguisse evitar. Um sorriso começou a surgir de seus lábios, e vi-o preso em meu olhar, no segundo seguinte.

— Você está linda. — falou, e tirou uma das mãos de trás das costas, mostrando um girassol.

Aceitei a flor e a acariciei em seguida. Me perdi por um momento nas lembranças de nós, correndo por aqueles mesmos girassóis que ficavam um pouco mais distante no terreno da fazenda. Quando o olhei novamente, vi que ele parecia perdido em algo, talvez na mesma lembrança que eu.

— Pronto para me esperar arrumar a futura noiva um pouco ansiosa? — perguntei, e ele sorriu, dando-me um braço no segundo seguinte.

Não esperava tal gesto, no entanto, não pensei duas vezes ao aceitá-lo. A cada passo que dávamos em direção das escadas, meu corpo gritava que aquela proximidade era perigosa demais para minha própria sanidade. Tentei não pensar tanto e escolhi que uma noite ao lado dele não me mataria e muito menos, nos condenaria.

Quando senti seu olhar queimar meu rosto, e o encarei, soube que existia uma ligação tão forte entre nós, que não parecia mais ser possível evitar. Mesmo que quisesse esquecê-lo, uma fagulha inquieta me cutucava, pronta para se transformar em um incêndio, que se alastraria por todo meu corpo. Contudo, era um risco alto demais, o qual, não estava disposta a correr. Um coração quebrado duas vezes, pelo sorriso no canto da boca do homem à minha frente, era algo que não colocaria a disposição.

Antônio

Meu celular vibrou no bolso da calça e o peguei no segundo seguinte, entediado com uma taça de champanhe em mãos, enquanto Gabriela se dividia em mil para maquiar a amiga. O único lado bom de estar ali, sem entender ao certo o que elas falavam e sem querer de fato me intrometer, eram os olhares que ela me entregava de vez em quando, mesmo que de forma inconsciente.

Era como se ela ainda fosse minha.

— *Gilberto me ligou e eu jurei que o velho estava louco quando me falou que outra pessoa resolveu a reunião que eu teria com ele na semana que vem! — a voz de Fábio soou alta do outro lado da linha, e odiei-me por não ter sido sincero com ele sobre o fato de dar um tempo longe da cidade durante as férias. Eu tinha dado, mas eu precisava, de um motivo qualquer que fosse, que não ocasionasse uma mentira, para estar ali. Não era mais capaz de mentir para Gabriela. — O que porra você está fazendo aí?*

— Eu vim por ela. — soltei baixo, e fiz um sinal com a cabeça para

Gabriela, indicando meu celular e a porta. Ela assentiu, e pareceu entender que eu precisava falar longe dali. — Eu sei que te disse que...

— *Ela está bem. Era isso que você queria, não era? — a voz dele foi dura e eu sabia que ele nunca compreendeu por completo o porquê de eu não ter sido honesto com sua irmã mais nova, ao mesmo tempo que, agradeceu-me quando me deu a chance de explicar. — O que decidiu fazer agora?*

— Eu estava em casa, pensando nela e... Eu quis estar lá no ano passado e eu tentei. — ouvi-o suspirar profundamente do outro lado da linha. — Já vai fazer mais um ano e eu... Eu sei que as coisas mudaram.

— *Eu te disse para ser sincero com ela, porra! — sua voz soou mais branda, ao mesmo tempo que ouvi-o praguejar outros palavrões. — Pode ao menos tentar não ferrar tudo?*

— Eu nunca mais vou machucá-la, sabe disso.

— *Já fez o suficiente por uma vida também. — revidou e sabia que ele nunca de fato me perdoaria pela forma como as coisas entre eu e Gabriela se desenrolaram. Por mais que ele soubesse das explicações, nem tudo poderia ser justificado. — Eu sei que quando a gente ama, cara... Porra, eu sei. Mas Gabi não é mais a mesma. Ela cresceu e muito nesses dois anos, e nunca a vi reagir de forma alguma ao seu nome.*

— Obrigado pelo apoio. — falei ironicamente e ele sabia exatamente onde acertar em cada ferida aberta minha.

— *Só não quero ter que catar os seus cacos de novo!* — rebateu, e sorriu ao fundo. *Queria eu, que ele estivesse brincando sobre aquilo não ser realidade. Um dia, fora.*

— Sei que Ane sabe que estou aqui, se puder me dar apenas mais alguns dias sozinho com ela...

— *Cara...*

— Se fosse Ane, você não tentaria tudo que pudesse? — indaguei, sabendo também onde acertá-lo em cheio. — Preciso implorar?

— *Se a fizer sofrer, não vai perder só o amor da sua vida.* — falou, e sabia que não era uma promessa, mas sim, um aviso. — *Consigo enrolar Ane por alguns dias, caso ela esteja com ideia de aparecer aí.*

— Obrigado, irmão.

— *Não me agradeça por estar compactuando com essa merda.* — revidou e ouvi-o suspirar profundamente. — *Apenas conserte isso.*

— Eu vou. — ele desligou na minha cara, fazendo-me rir.

Era tão típico de Fábio apenas desligar se acreditasse que a conversa chegava ao fim, que ali, estava eu, parado em um corredor de uma casa desconhecida, agradecendo aos céus por ainda tê-lo como melhor

amigo.

A porta da qual saí, minutos antes, se abriu, e dei de cara com Gabriela, sorrindo abertamente, enquanto parecia dar espaço para que a futura noiva passasse. Coloquei-me para trás no corredor, tentando não atrapalhar, e vi a tal Letícia sorrir em minha direção, enquanto descia as escadas com sua outra amiga ao encalço.

— Ela está linda. — Gabriela falou, e seu olhar parou no meu, como se buscando alguma conclusão parecida.

O que eu poderia dizer? Eu sequer tinha notado como a sua amiga era. *O que eu poderia explicar?* Que nenhuma outra pessoa tinha minha atenção tendo-a no mesmo ambiente, ou então, com a simples lembrança dela em mente.

— Sei que você está linda. — pisquei um olho, tentando não parecer ainda mais cafona do que era, e ela revirou os olhos. Dei-lhe meu braço e ela veio de bom grado, sorrindo lindamente.

— Preparado para olhares curiosos e perguntas se eu serei a próxima a casar? — indagou, enquanto descíamos os poucos degraus que nos traziam para parte de cima de uma casa, na qual o jantar de noivado aconteceria.

Olhei-a de esguelha e tentei não comentar novamente da forma

como sua beleza me atingia. Eu queria poder responder, que por mim, ela poderia ser a próxima. Assim como, aquele vestido caíra-lhe tão perfidamente, que ficava em minha mente, como ele seria, caído ao redor de seu corpo.

Foco, Antônio!

— Sempre por você, menina.

Ela revirou os olhos novamente, e seguiu comigo, para o jardim da casa. Era como se toda a pequena cidade estivesse ali. Vi-a sorrir para algumas pessoas, assim como, cumprimentá-las. Fazia o meu melhor papel de acompanhante, enquanto fazia o mesmo para com desconhecidos, e ficava a ponto de querer prendê-la a mim, a cada olhar nada medido que alguns caras lhe endereçaram.

— Gabi! — ouvi a voz alta masculina soar a nossas costas.

Tão rápido ela se virou, e saiu de meu braço, indo até o homem que eu não conhecia, que fora como levar um soco diretamente no estômago. Mais uma vez, vendo-a ir até outro.

Fiquei parado por alguns segundos apenas olhando toda a inteiração, e a forma como ele sussurrou algo em sua orelha, com a intimidade tamanha, que vi-me indagando se eles já tiveram algo. No segundo seguinte, ela pareceu me notar novamente, olhando-me com um

sorriso nos lábios. Tentei fazer o mesmo, mas não consegui. *Por que eu sorriria?*

Ela então veio até mim, enquanto o cara ficou parado no mesmo lugar e a secava a cada passo que dava para longe.

— Vou dançar um pouco, e já volto. — apenas avisou, dando-me um leve beijo no rosto, antes de partir.

Mal sabia que partia com meu orgulho, carne e ossos, enquanto seguia para os braços de outro, correndo para o que parecia ser uma pista de dança improvisada, e algumas pessoas estavam espalhadas dançando.

Eu me sentia patético.

— É uma merda, não é? — a pergunta ao meu lado, tão próxima, fez-me virar e encontrar os olhos da mulher que conhecera naquele dia, e me recordava de se chamar Maria alguma coisa. — Dá vontade de ir até lá e apenas tomar o que é seu, ao menos, é na sua cabeça. — falou, bebendo um longo gole de algo em seu copo, e olhando na mesma direção que eu. Ela suspirou profundamente, parecendo tão exposta quanto escondida ali. Uma desconhecida, entendendo-me melhor do que qualquer pessoa poderia.

— Não é uma má ideia. — falei por fim, e me virei para olhá-la. — Apenas seguir o que a cabeça ilude.

— Quem dera fosse ilusão, não é? — indagou, com um sorriso nada feliz, e levantou o copo de uísque, encontrando a taça de champanhe que eu ainda tinha em mãos. Brindamos talvez pela dor que compartilhávamos por alguns segundos. — Eu não sei você, mas eu vou lá. — anunciou, terminando de virar o copo.

Ela então estendeu uma mão em minha direção e entendi exatamente o que sugeria. Queria poder apenas entregar a Gabriela o que ela me fazia sentir naquele exato segundo, porém, sabia que não seria justo. Ao mesmo tempo que, acreditava que aquilo não despertaria nada nela.

Um beijo no rosto. O sorriso de menina. O olhar carinhoso. Tudo nela me remetia à Gabriela que sempre me vira como seu amigo. Seu bom e imbatível príncipe. Nunca pensei que sentiria falta do apelido mais brega que alguém poderia dar.

Sabia que com a ira dela, eu conseguia lidar, e no segundo seguinte, sem pensar mais, apenas aceitei a mão de uma estranha, indo para o centro da improvisada pista de dança. De relance, vi Gabriela sorrindo para o cara, que tinha as mãos em sua cintura, e parecia perto demais.

— Eu fiz a playlist e uma música calma, bem cafona, vai começar... — Maria falou e a encarei. — Agora.

— O que estamos mesmo fazendo? — perguntei, e ela deu de ombros.

— Eu não sei você, mas eu, vou bem discretamente, separar o casal ali. — praticamente sussurrou e saiu de meus braços no segundo seguinte. Mal pude perceber, e vi-a apenas ir até Gabriela e separá-la de forma tão fácil do cara, que era claro que não parecia ser uma grande perda para ela. Quando Gabriela se virou e me viu, sorriu, vindo até mim a passos certos, como se sabendo que era a dona de tudo de mim. Se ela soubesse...

— Troca de casais. — ironizou, levando uma de suas mãos ao meu pescoço, fazendo meu corpo todo esquentar com a proximidade. Depositei minhas mãos logo abaixo de sua coluna, quase na curva de sua bunda, e meu corpo todo implorava para que a trouxesse mais perto.

A música era lenta e eu conhecia a letra de cor. Era como se a vida ironizasse o fato de que tinha tudo em mãos, ao mesmo tempo, que nada em absoluto era meu. Senti sua cabeça em meu peito e seu respirar profundo, fez-me pensar em como queria ficar preso a ela, a cada respiração.

Ela começou a cantar baixinho, fazendo-me entender que não conseguiria esquecer daquela dança tão cedo. Assim como, nada sobre ela realmente se perdeu. Quando seu olhar parou no meu novamente, queria dizer, que como a música, bastava ela apenas me encarar, que eu voltava.

Bastava ela me enxergar novamente.

“É que eu te amo e falo na sua cara

Se tirar você de mim não sobra nada

O teu sorriso me desmonta inteiro

Até um simples estalar de dedos”^[15]

A profundidade que dividíamos me embriagou e eu quis repetir cada maldita palavra, para que ela soubesse que era eu, entregue a ela. *Ela poderia entender? Ela poderia ainda me querer?*

Assim que abri a boca para dizer algo, esquecendo-me de toda a razão que trazia para não estragar tudo novamente, a voz de alguém em um microfone, fez aquela conexão quebrar.

— O jantar vai ser servido agora! — um homem falou e palmas soaram por todos os lados. Gabriela pareceu forçar um sorriso e se soltou de mim rapidamente, batendo palmas como todos eles. — Mas antes, precisamos ouvir algumas palavras dos noivos aqui!

A cena toda se desenrolava, e eu não conseguia me desviar dela. Assim como, nunca pude fugir. Quanto mais corri para longe, mas me vi preso a sua teia. Todo dela. Apenas dela.



“Você me verá em retrospectiva
Enroscada com você a noite toda
Ardendo em chamas
Um dia, quando você me deixar
Aposto que essas memórias
Seguirão você em toda parte”^[16]

Gabriela

O silêncio no carro era ensurdecedor.

A noite tinha sido perfeita, se não fosse pelo fato de que sentia algo muito errado entre eu e ele. Era como se fossemos um nó mal desfeito. Era como se alguém tentasse deixar-nos, mas mesmo assim, permanecíamos embolados. Assim que o carro finalmente parou, à frente da minha casa, soltei o ar, sem conseguir disfarçar e sem ter mais o que dizer.

— Está estranha desde que dançamos. — ele falou, de repente, enquanto tirava o cinto de segurança, e fiz o processo mais rápido, pulando do carro em seguida. Vi-me sem saber o que responder, pois eu sequer saberia explicar o porquê.

— Foi um dia cheio. — foi tudo o que saiu, enquanto eu abria a porta de casa, e entrava, querendo apenas correr para meu quarto e me trancar lá.

Algo dentro de mim estava incerto, e parecia ser o fato de que faltou apenas um segundo para que eu tomasse aqueles lábios como meus. No meio de todos, diante de todos. Como se eu tivesse direito, e como se ele tivesse direito sobre mim.

Antônio estava me enlouquecendo e mal sabia. Senti-o a minhas costas, enquanto eu permanecia parada no batente, ainda olhando para o interior de casa, mas com o pensamento em nós. Tão perto, mas tão longe.

Tão longe, onde deveria. Tão perto, onde eu me negava

— Preciso da minha cama. — falei, finalmente me movimentando e sabendo que estava a ponto de simplesmente querer estar sobre ele.

— Ei! — falou, e senti sua mão na minha, virando-me para ele com tamanha facilidade que eu sequer tive reação.

Corra! – fora meu primeiro pensamento. *Fique!* – meu corpo todo pediu, no segundo seguinte.

— Podemos apenas terminar aquela dança? — perguntou, puxando-me com cuidado pela cintura, como se minha mente fosse uma ameba e eu sequer pudesse negar. — Uma vez, uma linda menina me disse que uma dança só termina quando se dança uma música inteira.

Sabia que aquela menina era eu, que aos dez anos, decidi que teria que dançar todas minhas músicas favoritas no momento com ele.

— Ela estava certa. — falei, levando minhas mãos ao seu pescoço, e me escondendo em seu peito no segundo seguinte. Tamanha era a intensidade, de tudo aquilo, que me vi apenas aceitando o que tinha, por alguns momentos. *Era o recomeço de uma amizade, e uma dança não estragaria nada, certo?*

Quando ele afastou uma de suas mãos de minhas costas, e uma música invadiu todo o local, soube que estava a ponto de estragar tudo. Era

minha música favorita de todas, e que cantava praticamente toda minha adolescência em alto e bom som por onde fosse. Era a música que sempre me fazia lembrar dele.

Fechei os olhos, e deixei-me levar. Se eu não o olhasse, ainda estaria salva. Ainda não estaria em estado de graça, como a música falaria, em alguns instantes. Contudo, não demorou muito, para eu apenas o olhar e a música me dizer exatamente o que acontecia. Porque era tão nossa, quanto não poderia ser.

“Você chega e a armadura cai

Atravessa o quarto como uma bala de canhão

Agora tudo que sabemos é não soltar

Estamos sozinhos, só você e eu

No seu quarto e nossas fichas estão limpas

Só signos de fogo iguais, quatro olhos azuis

Então você nunca foi santo

E eu amei em tons errados

Nós aprendemos a viver com a dor

Mosaico de corações partidos

Mas este amor é valente e selvagem”^[17]

— Eu nunca previ você chegando e eu nunca mais serei o mesmo.
— ele cantou, enquanto nossos olhares estavam presos um no outro e fora o que bastou.

Meu corpo todo em combustão, a música e o momento me atingindo em cheio, como se a realidade esfregada na minha cara – eu ainda o queria, perdidamente. O desejava abertamente, naquele momento.

Olhos castanhos nos meus. Mãos presas a minha cintura, puxando-me para mais perto. Lábios a um fio de cabelo de distância.

— Me beija. — o pedido saiu livremente, e sua boca devorou a minha no segundo seguinte.

Minhas mãos se espalharam por seu cabelo. Suas mãos se espalharam por minha bunda, levantando-me, e me trazendo para si. A cada passo que ele dava comigo em seu colo, soube que não teria volta. Não daquela vez. Era o fogo puro e ardente. Era o desejo imparável e desconexo. Era tudo o que quis evitar e não poderia mais correr.

Senti minhas costas contra a parede, e cada degrau que subíamos, em meio a gemidos, implorar e mãos perdidas em cada canto do corpo um

do outro, sentia uma peça de roupa caindo. Não demorou muito para restar apenas a minha calcinha, e quando o encarei com atenção, buscando ar durante os beijos, vi que sua camisa estava arruinada, assim como, o blazer que caíra no mesmo instante.

Uma de suas mãos segurou com força meu rosto e um gemido fora incontrollável.

— Me diz que quer isso tanto quanto eu. — falou, e mesmo seu tom sendo autoritário e direto, senti a forma como parecia me implorar para que confirmasse. No segundo em que senti a maciez da cama, sem ter ideia de qual quarto entrávamos, seu corpo pairou sobre o meu, e toda aquela tensão e antecipação estava a ponto de me fazer em pedaços.

— Eu quero. — ele apenas me encarou profundamente, antes de sua boca devorar a minha novamente.

Apressei-me a tirar o resto de sua roupa, enquanto, ele rasgou minha calcinha no processo, e não existia mais limite algum entre nós. De repente, o fato de estarmos recomeçando desapareceu. Assim como os nossos pequenos e simples momentos. Assim como nas danças perdidas desde que eu ainda nem tinha ideia do que o amor poderia ser. Até ali, com ele nu sobre o meu corpo completamente exposto para o seu, soube que nada mais importava. Apenas eu e ele. O mundo poderia esperar. Todo o resto poderia ser deixado de lado.

Naquela boca feita para pecar, encontrava o ar que eu precisava em meio as chamas que queimavam cada parte de mim sob o seu toque. A devastação completa de todo meu corpo, que pela primeira vez, *soube*, poderia ser arruinado por ele.

— Olhos em mim. — praticamente exigiu, e cravei minhas mãos em suas costas, no segundo em que nos virou e fiquei sobre ele.

Senti que não poderia mais esperar, por mais que desejasse desbravar cada pedacinho daquele corpo. Era clara a cadência no olhar dele, como se implorando para que eu tomasse conta. Era como se ele ordenasse e me deixasse ordenar apenas me olhando. Era uma troca sem igual.

Subi sobre ele, enquanto suas mãos me seguravam firmemente pela cintura, e todo meu nexo era jogado diretamente para o lado de fora daquelas janelas. O quarto queimava. Seu corpo finalmente era meu.

— Me toma. — exigiu, subindo uma de suas mãos para meus cabelos, puxando-os pela raiz, fazendo-me gemer, e cravar as unhas em seu peito, sentindo a pele se desfazer nelas.

Tomei-o no segundo seguinte, com os olhos castanhos me devorando, e travando uma briga sem qualquer chance de perder, enquanto observávamos um ao outro. Enquanto nos encontrávamos.

Quando o tomei por completo e sua voz chamou meu nome, como se fosse uma divindade, soube que depois daquilo, no fim, era eu quem jamais seria a mesmo.



“E o coração que sei que estou partindo é o meu

Ao deixar a cama mais acolhedora que já conheci

Podemos dizer que estamos quites”^[18]

Gabriela

No momento em que acordei e percebi que não fora um sonho, soube que tudo se transformara em um pesadelo. Seu corpo estava todo enroscado no meu, e senti que tudo de mim, acabara de ser perder. Afastei-

me com cuidado, puxando o lençol caído do lado da cama para meu corpo. As lágrimas já lutavam para descer.

Burra! Repeti internamente tantas vezes, que sequer consegui mensurar. Fiquei por alguns segundos, apenas ali. Olhando da cama, para meu corpo. Olhando de ele, para o vazio que se instalara em meu coração.

Depois de dois anos ele aparecia e de repente, ser dele, tornou-se mais fácil e inegável do que respirar. Senti-me com raiva de mim. Senti-me com raiva dele. *Por que? Por que ele tinha que voltar e bagunçar tudo o que eu tão bravamente lutei para construir? Por que ele tinha que aparecer como o maldito príncipe perfeito e recitar minhas canções favoritas? Por que ele conseguia me acertar e atingir tão facilmente?*

Porque você o ama, meu coração gritou. Enquanto todo meu corpo brigava para que apenas aceitasse, a minha razão bateu em cheio. A realidade de como foi catar caco por caco dos pedaços que restaram de mim. Eu só queria a nossa amizade de volta, assim como ele, e de repente, deixei-me ser dele como se ainda fosse a pessoa iludida de anos atrás.

Eu não o era

Ao menos, não me deixaria ser de novo.

Olhei ao redor do quarto, que felizmente, não era o meu. Saí dali no segundo seguinte, com a marca de cada parte dele, em cada parte minha.

Ao mesmo tempo que minha mente, corpo e coração discordavam. Ao mesmo tempo que tudo desabava. Odiava-me por ele me fazer sentir fraca. Odiava-me por permitir que ele o fizesse. Tentava, odiá-lo naquele instante.

Assim que toquei a maçaneta do meu quarto, com o intuito de fugir e colocando em mente que aquela noite teria de ser apenas aquilo – uma noite, senti os olhos que me levaram para o lugar que nunca imaginei ser possível, e fizera-me esquecer todos os outros nomes que já chamei, queimando-me. Agarrei o lençol com mais força, como se ele não tivesse desbravado cada parte de meu ser. Quando me virei, vi-o com uma expressão confusa, apenas em sua cueca, olhando-me com total devoção. *O que diabos era aquilo? Uma brincadeira de mal gosto? Um passo para uma nova rejeição?*

Ele tentou vir até mim, com os braços abertos, como se para me puxar para si. Neguei com a cabeça, cruzando os braços a minha frente, e vendo que seus olhos pareciam não me entender. Eu não queria aqueles braços ao meu redor novamente, mesmo sabendo que era exatamente o que queria. Contudo, existia uma grande diferença entre o que eu queria e o precisava. Não precisava daquela bagunça de nós na minha vida. No fim de tudo aquilo parei em uma cama com ele, e me sentia fodida, literalmente, por ter cedido.

— Isso não vai funcionar para nós. — falei, e seu olhar se modificou como se ele tentasse acompanhar. — Essa intimidade pós foda. — comentei, enquanto engolia as lágrimas e tentava parecer completamente certa daquilo.

Eu não ia ceder mais, era o que repetia a mim mesma. Percebi que qualquer brecha que deixasse para ele, seria fácil de me derrubar. Assim como, ele o fizera antes, e agora, o fazia novamente.

— Gabriela, do que exatamente está falando? — indagou, dando mais um passo à frente, e permaneci no mesmo lugar, encarando-o. Ele tentou tocar meu rosto, mas desviei de seu toque, sabendo que seria demais. — Por que está fugindo de mim?

— Porque vejo como me olha. — as palavras saltaram da minha boca, tão cruéis quanto as dele, anos antes. A diferença era que ali, eu escolhia partir meu próprio coração, para não lhe dar a chance de o fazer. — Na realidade, desde quando apareceu na minha porta. Não vou mais iludir sua mente de que podemos ser amigos ou mais que amigos. Uma foda, ok? Mas acaba aqui, Antônio.

Ele pareceu levar um soco no estômago e vi-o dar um passo atrás.

— O que? — indagou, e não soube ao certo se era para comigo ou retórico. — Vai nos resumir a uma foda?

— Vou nos resumir a qualquer coisa que te mantenha longe de mim. — dei de ombros, enquanto segurava a verdade que me matava por dentro — *eu ainda o amava*, perdidamente. Mas ele, ele não poderia ser o meu amor. — Eu te disse tanto sobre deixar o passado lá, porque não queria reviver a mesma cena. E agora estamos nós, repetindo o ciclo da pior maneira possível.

— Gabriela...

— Você me rejeitou. Eu não te perdoei. Você voltou. Eu te deixei entrar. — neguei com a cabeça, sabendo que não o superaria mais se seguisse com aquilo. Se me deixasse aceitar o que fosse que ele estava disposto a dar. — O que vem agora? — perguntei, olhando-o e me negando a chorar pelo que nunca foi meu e eu me sentia perdendo novamente. — Agora não vem nada, Antônio. Porque essa história nossa tem respigado, há muito tempo. Não quero essa confusão. Não quero seus olhares de devoção e cadência. — falei, sabendo eu enxergava nele, aquilo que tanto queria, mas que no fim, parecia ser apenas um desafio pessoal. — Só quero a paz que você me tirou no momento em que apareceu aqui.

O silêncio recaiu sobre nós e seus olhos fugiram dos meus. Fiquei ali, enrolada em um lençol no meio do corredor, enquanto assistia o amor da minha vida não ser meu.

— É por dois anos atrás, não é? — perguntou, após uma longa

pausa. — É por eu ter sido covarde e te rejeitado? É por não ter pensado em tudo que perderia quando disse tudo aquilo?

— É por mim. — respondi, e notei que a resposta fora certa, como se ele finalmente entendesse. — Não posso mentir e dizer que não sinto nada... — *eu te amo*, era o que queria gritar. — Mas mesmo assim, não vou me iludir que somos algo mais. Nem somos mais amigos, Antônio. — suspirei pesadamente, sabendo que cada palavra, doía-me absurdamente.

— Eu... — começou a falar, e vi-o abrir a boca e fechar várias vezes. No segundo seguinte, em que pensei que apenas desistiria, vi-o praticamente me cercar e tocar meu rosto, enquanto unia nossas testas. Aquela proximidade com ele me intoxicava. Tudo nele gritando para que fosse tudo de mim, bem ali. — Eu sei que não vai acreditar em mim. — eu queria fugir do seu toque, mas não consegui, e meu olhar, de repente, era dele. — Eu te amo, menina.

As palavras que um dia eu tanto sonhei. O homem que eu tanto desejei. O pior momento possível para que aquilo acontecesse. Simplesmente porque eu não conseguia acreditar, em nada. A não ser, na bagunça que nós éramos. A não ser, no fato de que no fim do dia, ele sempre vencia.

— Não sou a mulher certa para você. — falei, no tom mais estável

que encontrei, e com meus olhos imersos nos dele. Notei a forma como ele mudou, e se afastou levemente, como se fosse uma guerra interna poder me soltar. Se ele a vivia, não sabia, mas eu batalhava por dentro desde o momento em que saí daquele quarto. — Eu sinto muito. — findei, sabendo que de repente, eu vivia a parte dele naquela história.

O ciclo se quebrava ali.

E nós, era um ponto final que não poderia mais ser transformado em vírgula.



“Eu vivi e aprendi

E descobri o que era mudar

E vi, que nós

Nunca fomos feitos para acontecer

Então eu menti, e chorei

E vi uma parte de mim mesma morrer

Porque nenhum grau de liberdade te deixa limpo

Eu ainda tenho você em mim”^[19]

Gabriela

Eu não tinha conseguido dormir.

Meus pensamentos e lágrimas inundando o quarto como se me levando para a direção errada. Passei a toalha no rosto, tentando forçar um sorriso para o reflexo, ao mesmo tempo que sabia não ser possível. Durante aquela madrugada, ouvi o barulho do carro saindo minutos após que nos findei.

Se ele ir, era exatamente o que eu queria, por que saber que ele se foi não melhorava a sensação de destruição?

Deixei a toalha sobre a penteadeira e preendi os cabelos no alto da cabeça. Não queria falar com ninguém sobre aquilo e me vira vivendo tão presa nele, que sequer falei com Ane abertamente sobre. *O que eu poderia falar? Que eu ainda o amava?* Talvez aquilo não fosse novidade para mais ninguém.

Suspirei pesadamente, e vesti a camiseta jogada sobre a poltrona, na qual passei a noite, sem saber ao certo ao que me apegar. Sabia que a dor de perdê-lo era devastadora, e daquela vez, saber que o mandei embora, não parecia ter facilitado tanto quanto imaginava. Ainda doía demais.

Peguei o celular em mãos, olhando as mensagens no segundo

seguinte. Algumas de Ane, uma de meu irmão, cinco de meus pais, que deveriam estar mandando fotos dos gatos que se tornaram o mundo deles depois que saímos de casa.

Letícia também me mandara algo, que deveria ser foto, pelo pouco que conseguia ver no resumo. Resolvi abrir apenas as fotos de meus pais, que como imaginava, eram dos três gatos: Taylor, Jade e Bento. Nomes excêntricos, tais como eles.

Ao menos, aquilo conseguiu tirar um sorriso meu. No segundo momento percebi que queria mostrar aquelas fotos para Antônio. Assim que olhei para a porta, e sabia que ele não estaria ali, o sorriso morreu. Era hora de seguir em frente.

Saí de casa, com os fones desligados, porque depois daquela noite, qualquer música minha estava arruinada. Colocar-me ainda mais na fossa, com música, não era uma opção.

Não consegui correr tanto como gostaria, pois a todo momento, via-me querendo sentir a presença dele ao meu lado. Era frustrante, ao mesmo tempo que, o certo, devido ao fato de que apenas comprovava que, novamente, precisava dele muito mais do que deveria.

Cheguei próxima ao lago e franzi o cenho no segundo em que os raios solares tocaram a água. Tinha uma pessoa sentada debaixo de uma

das grandes árvores que ficavam ali.

Pensei que era minha mente me enganando ou deixando-me maluca. Aproximei-me, pisquei algumas vezes, e jurei que a imagem desaparecia. Contudo, ela permaneceu lá, intacta.

Chegando mais perto, vi-o de forma perfeita, encostado contra o tronco, de olhos fechados, com os raios solares tocando cada pedacinho de sua pele pouco exposta, devido as roupas fechadas.

Abri a boca para perguntar o que ele fazia ali, mas me contive. Eu apenas precisava seguir em frente, e confrontá-lo, não deveria ser uma opção. Quando cheguei a tal conclusão, dei passos atrás e sairia dali, tão quieta e cuidadosa como chegara.

— Sei que está aí. — sua voz soou melodiosa, e paralisei no lugar. Seus olhos castanhos se abriram, e contrastavam com o sorriso caído no canto de sua boca. Ele tinha os olhos apagados e sem vida. — Sempre sinto quando está por perto, como se algo me puxasse para você.

— Não...

— Surpresa de me ver aqui? — perguntou, cortando-me, e apenas fiquei parada, sem ter ideia de qual era a resposta correta. Pensei que ele já teria esquecido a ideia de toda a cena que tivemos ontem. “Eu sei que não vai acreditar, mas eu... Eu te amo”, sua fala me acertando em cheio

naquele momento. — Não vai se livrar de mim tão fácil assim, menina.

— O que quer de mim? — rebati, sem mais saber como evitar. Minha voz saiu entrecortada, como se a dor pudesse ser sentida em cada sílaba. Era pesado demais conseguir controlar a dor de perdê-lo, tendo-o ali, tão perto.

— Eu disse antes que quero o que pode me dar... — levantou-se calmamente, e se encostou contra a árvore outra vez, antes de me encarar profundamente. — Mas agora eu sei, eu quero tudo.

— Quebramos esse ciclo ontem. — falei, e senti meu corpo todo reconhecê-lo, a cada momento que passava tão perto, mas tão longe dele. — Chega desse joguinho, Antônio.

— Vamos quebrar esse ciclo de dor e distância, quando eu puder te chamar de minha. — sua voz soou tão decisiva, que fiquei perplexa. — E eu puder ser todo seu.

Acabei rindo daquilo, pois era a única saída que conseguia encontrar. Encarar toda a situação com deboche ou ironia, era o que me restava.

— Tenho uma vida que não te inclui e não vou voltar atrás. — falei firmemente e ele deu dois passos à frente, fechando o espaço que nos separava. Não me mexi, tentando provar tanto a mim quanto a ele, que

conseguia estar frente a frente, sem me render. Meu corpo todo gritando para que nos unisse.

— Não existe voltar atrás, menina. — sua mão veio para perto do meu rosto, e ele a parou no meio do caminho. — Porque por mais que eu tenha destruído quase tudo de nós, eu sempre te senti lá. E eu sei, que você também. — sua voz soou branda, certa e no tom carinhoso que me atingiu em cheio. — Se não sentisse, isso não doeria tanto em nós. Você sempre foi parte do meu presente, por mais que não acredite nisso agora. — sua voz soou quase como um sopro e era como se ele fosse meu reflexo.

Mais uma vez, via-me enganando a mim mesma.

— Quero que vá embora. — pedi, sem qualquer força para ostentar uma armadura. Era como se eu pudesse cair a qualquer momento e desabar. Tão perto quanto o pote de ouro no fim do arco-íris. Era irreal. Era utópico.

— Sei que me ter por perto, depois de tudo o que aconteceu, pode ter te pressionado... — falou e seu olhar era tão meu, que jurei que todo ele o era. — Mas eu vou estar aqui, na cidade, enquanto eu puder. E vou tentar, todos os dias, te provar que por mais errado que seja, eu sou o cara certo para você.

— Não vai funcionar, Antônio. — falei, e notei a forma como cada

palavra pareceu atingi-lo. *Por favor, vá! Por favor, fique!* Uma bagunça de mim gritando internamente.

— Se talvez, só talvez... Em algum momento, qualquer que seja, quiser ouvir. Se me der a chance de explicar sobre o que foi, e o que somos... Eu vou estar aqui.

Ele então beijou minha testa, sem que eu pudesse evitar, e meu corpo praticamente se derreteu por ele, enquanto minha mente continuava a trabalhar com a verdade: *siga em frente.*

— Acho que o passado está bem onde está. — soltei, dando um passo para trás, e ele negou com a cabeça.

— Se o nosso passado não fosse importante, ele não nos atormentaria até hoje...

Por que ele tinha que ser tão bom com as palavras?

Por que ele tinha que me conhecer tão bem?

— Apenas vá. — pedi por fim, e cruzei os braços a frente do corpo, como se me protegendo. — Está perdendo seu tempo com isso. — concluí, no segundo em que deu um passo para ir, e eu quase implorei para que ficasse. Quase pedi aos céus para que a nossa história fosse tão fácil, quanto foi me apaixonar por ele.

— Quando se trata de você, eu nunca perco nada. — falou, e notei

o sorriso no canto de sua boca. — Até qualquer hora, menina.

Abri a boca mas nada saiu. Fiquei ali, por alguns segundos, olhando-o caminhar em direção a saída da fazenda. Sem ter ideia de como ele chegara ali, já que não vira seu carro. Por que diabos eu estava preocupada com a forma como um homem de vinte e oito anos se locomovia?

Porque ele é o único homem de vinte e oito anos que você ama, a resposta veio certa e atormentadora.



“E é então que o sentimento afunda

Eu não quero sentir sua falta assim

Volte... Esteja aqui

Volte... Esteja aqui”^[20]

Gabriela

— O que? — Ane gritou do outro lado, olhando-me furiosa. —
Você rejeitou o Antônio depois de transar enlouquecidamente com ele?

Abri a boca para corrigir o que aconteceu, mesmo sabendo que era verdade, mas parei, no instante em que ela gargalhou alto e começou a bater palmas desesperadamente.

— *Fábio!* — ela praticamente berrou o nome do meu irmão, e eu parei com o brinco próximo a orelha. Eu sequer sabia que ele estava ali. Meu irmão apareceu sem camisa, passando as mãos nos olhos, como se tivesse acabado de acordar.

— *O que foi, coisa linda?* — indagou ele, em um tom baixo e meloso, abraçando-a pelas costas, e eu não sabia se vibrava ou fazia uma careta da cena. Quando ele finalmente me notou na tela do notebook, arregalou os olhos e praticamente passou para frente do eletrônico. — *O que aconteceu?*

Abri a boca para responder, mas Ane foi mais rápida. Eu sabia, que qualquer outro segredo meu ela enterraria, mas o fato de eu ter me vingado de Antônio, como ela definia, a veria gritando para meio mundo.

— *Sua irmã rejeitou tão gostoso o seu amigo.* — ela falou e pareceu tão satisfeita, que notei meu irmão arregalar os olhos e abrir a boca, como se estivesse processando.

— *O que aconteceu?* — ele perguntou e seu tom sério me surpreendeu, assim como, vi Ane me encarar sem entender nada.

— Não é como Ane está falando, eu só... As coisas entre nós saíram do controle, e eu soube que não tinha como voltar, nem mesmo, a sermos amigos. — dei de ombros, e vi-o passar as mãos pelos cabelos, claramente incomodado. — Por que parece tão preocupado?

— *Vocês conversaram, sobre tudo?* — *perguntou, olhando-me profundamente, e neguei com a cabeça.* — *Então, simplesmente não sente mais nada por ele?*

— *Opa opa!* — *Ane o cortou.* — *Eu te chamei apenas para comemorar, um minuto de paz que o carma funciona. O papo real é comigo.*

— *As coisas são mais complicadas do que imagina, Ane.* — *a forma séria como ele a encarou, com certeza, a deixou sem entender.* — *Sei que te vi sofrer por ele, por mais tempo que gostaria. Mas eu vi o outro lado da moeda também, maninha.*

— *Vai mesmo o defender, depois de toda essa merda?* — *Ane perguntou, e jurei que ela atacaria qualquer um que ousasse me magoar. Ela era a minha alma gêmea que atacaria até mesmo o meu próprio irmão se precisasse, apenas para me defender ou proteger.*

— *Eu vi os dois lados.* — *ele rebateu, e ela negou com a cabeça, claramente incrédula.* — *Eu preciso saber se conversaram, mana.*

— A gente... — travei e engoli em seco no segundo seguinte. As coisas aconteceram de maneira tão intensa que não consegui sequer voltar ao passado. A realidade era que não queria. Por um momento, imaginei que poderíamos apenas recomeçar, mas depois daquela noite, tinha certeza que era impossível.

— *Eu sei que pode parecer que estou comprando um lado e que... Pensa o que quiser de mim, mana. Mas você sabe que eu nunca, jamais, te falaria para dar a chance para um cara, se eu não tivesse certeza que vale a pena.* — *ele falou, encarando-me de forma tão intensa, que me senti agoniada.* — *Se o ama, como um dia disse que amava... Sei que o sentimento é confuso e traz mais do que a gente pode lidar.* — *vi-o olhar rapidamente para minha melhor amiga, e vi-me como um reflexo dele.* — *Mas se o ama, dê essa chance não a ele, mas a esse amor.*

— Antônio está por um jogo, Fábio. — soltei, com toda angústia que me invadia, e sentindo-me quebrar. — Não posso deixar ele vencer.

— *Se ainda pensa isso dele, então, com toda certeza não sabe nada do que realmente aconteceu.* — *falou por fim e fiquei ainda mais confusa.*

— *Ela não precisa saber de tudo para entender que o cara pode pisar no coração dela, de novo.* — *Ane rebateu, claramente furiosa, e senti-me mal por causar algo assim para com eles.*

Eles pareciam tão bem no momento em que Fábio apareceu, e de repente, a minha história com Antônio, respingava neles.

— Assim como eu não preciso de muito para entender que você pode fazer isso comigo. — ela se calou de imediato e vi a fragilidade na conexão que eles entraram, por alguns segundos. — Eu te amo, irmãzinha. E eu sei que vai me matar quando descobrir o que sei, mas... É uma história dele. Ou melhor, de vocês.

— Eu não amo Antônio. — falei alto e em bom som, como se dizer aquela mentira em voz alta fosse me ajudar a torná-la verdade.

— Não pode mentir para as pessoas que te conhecem tão bem e achar que vai as enganar. — Ane se pronunciou e troquei um olhar com ela, que pedia muito mais que tempo, pedia para que entendesse. — Eu não apoio esse relacionamento, mas eu sempre vou estar aqui, para pegar cada caquinho seu e por no lugar, se for preciso.

— Não vai precisar. — falei por fim, e sequei uma lágrima que descera sem que conseguisse evitar. — Eu tenho que ir, só liguei para... — nem eu sabia porque ligara. A realidade era que precisava, falar com alguém, que me escutasse. Até mesmo, apoiasse aquilo. No fim, encontrei duas pessoas claramente loucas uma pela outra, e que nunca, pareciam se resolver de fato. A ironia era tamanha que não sabia mais de nada. — Eu vou sair para dançar e esquecer um pouco desses dias. Tem sido uma

montanha russa.

— *Eu vou estar aí, para dançar com você amanhã.* — *ela falou, e tentei cortá-la.* — *Consegui folga para esse final de semana, e não tente me negar. Eu vou de todo jeito. Aliás, seu irmão vai me levar.*

— *Eu?* — *Fábio indagou, fazendo-se de sonso, como ele adorava, para provocar o pior nela. No final, todos nós sabíamos que ele moveria céus e terras por ela.*

— *Amo vocês.* — *falei por fim.* — *E se puderem, já façam meu sobrinho. Obrigada!*

— *Sua...*

Cliquei para desligar a chamada de vídeo e voltei minha atenção para o espelho a minha frente. Finalmente colocara o brinco que faltava e vi-me sorrindo, mesmo diante de toda aquela bagunça. As palavras de meu irmão me acertando em cheio, e resolvi ignorá-las. Era o melhor. Peguei meu celular e vi uma mensagem de Mabi, que no melhor dia, convidara-me para ir no bar da cidade. Ao menos, a música era animada, boa e as pessoas sempre dispostas a se acabarem na pista. Avisei-lhe que já estava saindo de casa, e apressei-me para descer, e sair com meu carro.

No segundo em que abri a porta da frente, foi como ter um deja vu. Antônio estava com a mão pronta para bater na porta, com um buquê de

rosas brancas, e um sorriso que me desmontaria por completo, se... Se nós dois não fossemos tão bagunçados.

Antônio

— Estou saindo. — ela falou, no segundo em que me viu ali. Olhei-a como se sua imagem fosse tudo para me manter de pé. Por muito tempo, o era. — Não é uma boa hora, Antônio.

— Eu só... — ofereci-lhe as flores, mesmo sabendo que ela poderia muito bem negá-las. — Eu só... — paralisei, vendo-a não aceitar o buquê, e sentindo-me tão péssimo, a ponto de não saber mais o que falar. Era como pisar em ovos, e não saber exatamente para onde aquilo iria. — Eu posso te dar uma carona.

— Eu estou bem sozinha. — forçou um sorriso, e desviou o olhar do meu. Ela estava linda em um vestido florido e os cabelos geralmente lisos, ligeiramente enrolados. Os lábios no tom vermelho que, com toda certeza, era seu favorito. E eu não poderia negar, era a cor que a deixava ainda mais vibrante.

— Sei que não é como na capital, mas... Me deixa te levar. —

insisti, e ela negou com a cabeça de prontidão, tentando passar por mim. — Só uma carona, menina. — falei, e segurei levemente seu cotovelo, vendo-a me encarar em uma batalha, que eu aceitaria ser o perdedor, assim que ela quisesse me conquistar. — Não vai dizer que não...

— Sem jogos. — cortou-me, e seu tom de raiva não me passou despercebido.

— Sei que uma das suas coisas favoritas é poder cantar no carro. — falei, e vi um pouco do brilho em seu olhar voltar. — Só uma carona, Gabriela.

— Ok. — falou por fim, e vi-me vencendo-a pela insistência.

Ela desceu em direção ao carro, e fiquei ali, olhando-a por alguns segundos. Quando ela parou ao lado do veículo e se virou, para ver se eu ia, e era clara a impaciência em seu semblante.

— Vamos ou...?

— Estou indo, menina. — falei por fim, com o buquê ainda em mãos. Quando entrei no veículo e deixei as flores no banco de trás, e ela se sentou no carona, soube que nada se comparava a ela, bem ali, ao meu lado. — Precisa me guiar.

— Lembra aquele bar que você e meu irmão tomaram seu primeiro porre, e eu sequer sabia o que era ressaca, e você me detalhou tudo no dia

seguinte? — perguntou e eu me lembrei vagamente, mas sabia que não ficava tão longe dali. Talvez mais perto que a rua principal da pequena cidade. — É lá!

— Ok, caso eu erre algo, me avise. — falei, saindo com o carro, e vendo-a concentrada contra o vidro do seu lado direito. — Sabe que minha cabeça estava explodindo naquele dia, não é? — indaguei, quando o silêncio se tornou demais, e ela assentiu, sem sequer fazer questão de me olhar.

Calei-me e no segundo em que fui apertar o som, ela fez o mesmo, e nossas mãos se tocaram brevemente. Recuei a minha, vendo-a escolher uma música e encostar-se melhor contra o vidro. A dor me acertando por inteiro, por saber que mais uma vez, por mais que tentasse evitar, a estava machucando.

“É

Já tá ficando chato, né?

A encheção de saco, pois é!

Prepara, que eu já tô me preparando

Enquanto cê tá indo, eu to voltando

*E todo esse caminho eu sei de cor
Se eu não me engano, agora vai me deixar só
O segundo passo é não me atender
O terceiro é se arrepender*

Se o que dói em mim doesse em você

Deixa!

*Deixa mesmo de ser importante
Vai deixando a gente pra outra hora
Vai tentar abrir a porta desse amor
Quando eu tiver jogado a chave fora”^[21]*

Ela cantava baixinho, como se presa a si, e eu, senti todo o peso de cada momento que a deixei ir. Ou quando, simplesmente, não lutei por ela. Quando finalmente estacionei, encarando o lugar em que várias pessoas chegavam, e ela já se apressava para entrar, vi-me prendendo-a ali, por um segundo.

— Eu não quero te machucar. — falei de uma vez, e vi-a parando

com a mão na trava para abrir a porta. — Se me disser, que eu estou te machucando como antes, eu juro... Eu juro que eu...

— Que o que? — cortou-me, e a encarei, vendo os olhos castanhos me encarando como se eu fosse absolutamente nada. — Eu não sinto nada sobre isso, Antônio. Nunca mais vai conseguir me causar aquela dor, porque aquela Gabriela não existe mais.

— Eu sei que mereço isso e pior. — admiti, e ela desviou o olhar, e tentei me apegar ao fato de que ela mentia. Implorei internamente, para que fosse aquilo. — Eu só não posso evitar mais. Eu não posso mais correr.

— Você pode e deve. — rebateu, e destravou a porta. Antes de sair, parou e me encarou novamente. Torci para que naquele olhar, encontrasse alguma esperança. Contudo, não encontrei nada. — Não posso te amar, Antônio.

Ela então saiu, e com ela, vi tudo de mim se perder. Encostei a cabeça no estofado e passei as mãos pelo rosto, sentindo a dor me atingir com tamanha força, que eu sabia, que talvez, tivesse nos findado, para sempre, quando escolhi não a escolher.



“Volte e me diga o porquê

Estou me sentindo como se tivesse sentido sua falta durante todo esse tempo

Me encontre lá esta noite

E me deixe saber que não é tudo coisa da minha cabeça”^[22]

Gabriela

— Já doeu, mas hoje não dói mais! — Mabi gritou, colocando um

braço sobre meu ombro, e vi-me gritando a música junto a ela, e todas as outras pessoas espalhadas pelo bar. Como sempre, alguém subia no pequeno palco e arriscava algumas notas no violão e cantava algum modão para todos nós arrastarmos o chifre no asfalto.

Levei a cerveja a boca, que aprendi a gostar após começar a frequentar aquele bar. Mabi cantava a plenos pulmões, assim como eu, e as duas, pareciam uma bagunça de sentimentos. Nossa sorte era que Letícia negou vir, porque com certeza, a sofrência que a gente compartilhava ali, nunca seria como a dela.

A mulher estava noiva do homem que ela era apaixonada há anos e que lambia o chão que ela pisava. A gente que sofresse com a latinha de cerveja na mão e um modão no fundo.

“O nosso amor calejou

Apanhou, apanhou que cansou

Na minha cama você fez tanta falta

Que o meu coração te expulsou

Não tem mais eu e você

Tá fácil de entender

Você me deu aula de como aprender te esquecer

Foi, mas não é mais a minha notificação preferida

Já foi, mas não é mais a número um da minha vida

Sinto em te dizer

Mas eu já superei você

Tanto fiz

Que agora tanto faz”^[23]

— Preciso de mais uma! — gritei entre a música e corri até o balcão perto de nós, e pedi outra cerveja.

No segundo em que sorri para Marcelo, que estava ali todas as sextas, para nos vender a maior quantidade de cerveja possível, vi-me sentindo um olhar me acompanhar.

Tentei ignorar aquela conexão e não olhei em sua direção. Eu sabia que era *ele*. Eu sabia que ele estava ali. Vi meu sorriso morrer, e fui em direção a Mabi, que parecia um tanto entretida, dançando animada com um peão, que no dia seguinte, se fosse em frente, ela com certeza confidenciaria se valera a pena.

Comecei a dançar e pisquei para ela, que girava nos braços do rapaz, que parecia ter a minha idade, e estava preso a ela. Continuei com a minha cerveja e cantando alto, enquanto a música ainda me inundava. Não queria pensar que da última vez que dancei, acabara tendo o corpo de Antônio como meu.

Então, continuei gritando com a música, e deveria estar tão animada, que Leandro, que lembrava vagamente de uma noite que tivemos juntos, e cantava animadamente, chamou-me com a cabeça, para acompanhá-lo no palco.

Não era a primeira vez que ele o fazia. Fora a sua jogada para me ter na sua cama meses antes. Fora bom, mas nada se comparava com o que tivera uma noite atrás. *Merda!* Vi-me indo até ele, que finalizava a música e forcei um sorriso, assim que fiquei ao seu lado, e vi-o sorrindo abertamente.

— Lembra daquela que a gente cantou, quando nos conhecemos? — perguntou e puxei na memória, sabendo que estávamos tão bêbados que com certeza, fora um show de horrores.

O lado bom era que a maioria das pessoas parecia não importar tanto com a voz, mas sim, com a música cantada, de forma boa ou ruim.

— E vamos de vergonha ao vivaço! — brinquei, aceitando o

microfone que ele colocou a minha frente. Ouvi o assovio alto de Mabi, que gritou meu nome em seguida, e eu revirei os olhos.

“Será que alguém explica a nossa relação

Um caso indefinido, mas rola paixão

Adoro esse perigo, mexe demais comigo

Mas não te tenho em minhas mãos

Se você quiser

Podemos ser um caso indefinido ou nada mais

Apenas bons amigos, namorar, casar, ter filhos

Passar a vida inteira juntos”^[24]

Assim que cantei aquela parte, tentei ficar presa nos olhos de Mabi ou de Leandro, ao meu lado, contudo, fora mais forte que eu. De repente, meu olhar era todo dele, e vi-o, encostado mais ao fundo do bar, olhando-me como se fosse a estrela principal. Era como se ele me olhasse com todo o amor que eu negava a acreditar que existia.

Foquei em cantar, e fechei os olhos, tentando não transparecer mais

nada. Foquei nos olhos de Leandro no momento seguinte, o qual tocava animado e sorria abertamente. Tentei pensar que minha vida era tão maior do que aquele sentimento que tinha por Antônio. Tentei imaginar que estivesse me deixando sofrer, porque me prendia a ele de livre e espontânea vontade.

Quando finalmente terminei, forçando um sorriso para todos, e dando um leve abraço em Leandro, vi-me procurando pelos meus olhos castanhos favoritos, que já não estavam mais ali. Entendi então, que talvez, se eu deixasse de lhe dar qualquer abertura, ele não voltaria.

— Você estava perfeita. — Mabi falou, puxando minhas mãos e sorrindo. — Vou ao banheiro.

Segui-a até o lado oposto, e assim que adentramos o banheiro, notei que meu batom vermelho permanecera intacto, mesmo depois de cantar, beber e gritar. Ao menos, algo em mim, parecia em ordem.

— O gostosão *tava* aqui. — ela falou, assim que fechou a cabine atrás de si. — Sabe que tive um breve momento com ele no noivado da Leti?

Meu coração pulou no peito e pensei de tudo, apenas o pior.

— Um momento? — indaguei em um tom que nem saberia dizer se ela ouvira. Em poucos segundos, ouvi o barulho da descarga, e ela saiu,

vindo para perto de mim, que permaneci escorada na pia. Enquanto ela lavava as mãos, vi-a dar de ombros e sorrir.

— Um momento diferente do que *tá* pensando. — franzi o cenho e ela arqueou uma sobrancelha em minha direção. — *Tá* na cara que pensou que o cara, que *tava* quase morrendo pela sua atenção, teve algo comigo.

— Eu não...

— Eu sei que a gente não se conhece muito bem, e talvez eu só seja a melhor amiga da sua amiga da faculdade. — enxaguou as mãos e se virou para secá-las nas toalhas de papel ao meu lado. — Mas eu sei o que é abrir mão de um amor como esse. Eu senti a dor dele naquela noite, apenas te vendo dançar com outro.

— O que ele te disse? — perguntei, sentindo-me furiosa, por de repente, o mundo conspirar a favor dele. Como se ele fosse uma vítima de tudo aquilo, e eu, a vilã.

— A questão é que ele não precisou dizer nada. — respondeu, e olhei-a surpresa. — Agora, a sessão terapia de banheiro acabou! — bateu palmas e me puxou para si. — Vamos ficar bêbadas, e se tudo correr bem, eu vou acabar na cama daquele peão novinho em folha na cidade, e você, vai se acertar com o gostosão.

— Mabi...

— Nem retruca. — piscou um olho e me puxou consigo.

Sorri, indo com ela, e sabendo que se Ane estivesse ali, seria ainda pior. No caso, ela nunca me deixaria parar na cama de Antônio, mas, beberíamos todas até o fim da noite. Há muito tempo não bebia para esquecer. Contudo, era tudo o que via como solução, por alguns segundos.



Passei as próximas horas dançando, cantando e bebendo. Minha cabeça presa a qualquer coisa que não fosse a confusão que literalmente bateu a minha porta, dias atrás. Quando as pernas já estavam acabadas, e perdera a conta de quantas latinhas virei, vi-me saindo com Mabi, que ia abraçada com o cara que descobri se chamar Hugo.

— Eu posso te levar em casa. — ele se manifestou e sabia que era o único que não bebera absolutamente nada. Diferente de mim, que sentia tudo girar, e Mabi que estava apenas um pouco alta — Vou deixar Mabi em casa também. — complementou, olhando-a com atenção.

— Vai me levar pra sua casa, bonitão.

Ele negou com a cabeça, mas o olhar que eles trocaram era claro. Aquela noite não sairia em branco.

— Eu...

Vi-me então, buscando a quem eu menos deveria desejar naquele momento. Mas como era desde sempre, nem a bebida me fazia esquecê-lo. Na realidade, potencializava minha imbecilidade. Meu coração deu um solavanco, no segundo em que encontrei o carro dele no mesmo lugar.

— Eu já tenho carona. — falei, sabendo que por mais que quisesse negar, não me via indo embora, se não fosse, junto a Antônio.

Mabi sorriu, e tinha certeza que ela adorou saber. Era aquilo, no fim da noite e da bebedeira, eu queria ele. Odiei o fato de que era para os braços dele que eu queria correr.

Despedi-me de minha amiga e seu novo caso, e fui em direção ao carro. Assim que me aproximei, andando um pouco incerta, vi-o parado do lado de fora do carro, meio agachado. Ouvi um fino miado e fiquei ainda mais curiosa. No segundo em que Antônio se levantou, parecendo proteger algo com as mãos, meu coração parou, no primeiro momento porque olhá-lo nunca fora simples, no segundo momento porque vi uma bola de pelos rajados entre suas mãos.

Era uma gata filhote.

— Onde a achou? — perguntei, aproximando-me e tocando os pelos da pequena gata, que miava, praticamente se escondendo entre os dedos de Antônio. O pouco que sabia sobre aqueles bichinhos, foi com meus pais, que sempre deixavam claro que se felino tinha três cores, era fêmea.

— Estava sentado no carro e ouvi um miado, cada vez mais próximo... Assim que saí, dei de cara com ela, e pelo estado, deve ter sido abandonada.

Olhei-o, e soube o que acabava de acontecer.

— Vamos ter uma gata, então? — perguntei, sem mais saber se era a bebedeira, a presença intoxicante dele, ou o miado fino da gata que me confundiam.

— Tudo o que quiser, menina. — ele falou, acariciando a pequena, e eu, derreti-me por completo. De repente, o álcool falava tão alto, que poderia jurar que o beijaria. — Hora de ir?

— Sim! — falei, e trouxe a pequena para mim, sabendo que ele dirigiria.

Assim que me sentei no banco do carona, ela se enrolou contra meu peito e mãos, ficando quieta e parecendo tão confortável, que vi-me

derretendo por ela.

— Ela me lembra aquele desenho que você me fazia assistir mil e uma vezes... — Antônio falou, assim que senti o carro se movimentar, e vi-me relembrando das milhares de vezes que o fiz assistir O Rei Leão. — Nala?

— Eu juro que tento te odiar, mas... — calei-me no segundo que percebi que falava demais. *Poderia culpar a bebida?* — Por que sabe tanto de mim?

— Eu sei tudo o que posso do que amo, menina.

Ele falou tão abertamente que não tive reação. Foquei em acariciar a pequena Nala, que parecia dormir tranquilamente. Entendia praticamente nada sobre gatos, mas tinha meus pais, os melhores especialistas para um momento como aquele.

No dia seguinte, iria com ela para a veterinária na cidade. Era aquilo. Eu tinha o homem que amava citando minhas coisas favoritas. E também, ganhara uma pequena filha felina de presente.

Aquela noite parecia tão maluca quanto soara para mim?



“Dizendo coisas que não quero dizer
Para aquela que significa o mundo para mim
Você entende o que eu quero dizer?”^[25]

Antônio

Gabriela permanecia com a bolinha de pelos em seus braços,
enquanto lhe dava um pouco de leite, com a mamadeira que improvisamos,

e que olhamos na internet que era recomendada para gatos filhotes, que não se tinha ideia de qual a idade. Fiquei paralisado com a cena, pensando e repensando em como as coisas, com a gente, sempre pareciam ser mais intensas.

Quando me encarou, enquanto a bolinha de pelos parecia se acalmar e parar de querer comer, seus olhos eram uma divisão entre a embriaguez e o brilho natural que ela tinha. Suspirei profundamente, aproximando-me das duas. Praticamente me ajoelhei, para tocar os pelos rajados de Nala, que se apegou ao peito de Gabriela, como se fosse o melhor lugar do mundo. Não poderia discordar dela, no entanto.

— A gente tem uma filha. — Gabriela falou, sorrindo um pouco. Era claro que ela não estava totalmente sóbria, ainda mais, porque sua voz denotava a embriaguez. — Por que fazemos tudo ao contrário?

— Porque a gente se ama. — respondi, querendo me apegar que ainda existia alguma chance, daqueles lindos olhos castanhos brilharem por mim novamente. — Quer que eu te ajude a subir com ela? — perguntei, e ela negou, colocando-se de pé, já que se sentara no chão da cozinha.

Vi-a caminhar perfeitamente, mesmo que ainda estivesse um pouco alta. Tudo de mim acompanhando cada passo que ela dava para longe. Seria sempre assim? Eu a vendo ir para longe?

No momento em que ela pisou no primeiro degrau, fiquei parado, apenas a observando, caso precisasse de ajuda.

— Acho que vou colocá-la no sofá... — falou, claramente pensando alto e foi com Nala até o sofá, no qual enrolou toda a manta que ficava sobre ele, fazendo praticamente uma cama para a gata. — Alimentada e quentinha. — continuou, fazendo um leve carinho na cabeça dela. — E agora...

Olhou-me e fiquei ali, sabendo que era hora de ir. Não precisava de um segundo olhar dela para saber que estava condenado, a quem sabe, sempre ser mandado para longe. No fim de tudo, talvez eu merecesse. Só era difícil, olhar para tudo que mais se desejava, e saber, que sua chance foi perdida.

— E agora vamos conversar. — ela chegou próxima, e suas palavras me atingiram em cheio. — Eu só tô um pouco alta, mas...

— A gente pode conversar depois que você ter uma boa noite de sono. — falei, e me segurei para não tocar seu rosto e trazê-la para meus braços. Os grandes olhos castanhos me hipnotizando, com um sorriso que não saberia definir sobre o que era.

— Eu não vou ter coragem depois que o álcool se for. — admitiu, atingindo-me em cheio e vi que ela falava sério. — Posso culpar a bebida

qualquer coisa. — brincou, sorrindo de lado e se escorando contra o corrimão da escada.

— Sobre o que quer conversar, menina? — indaguei, apenas entrando em seu jogo, e entendendo que talvez, apenas talvez, ela precisasse que aceitasse aquela conversa, para apagar dali alguns minutos.

— Dois anos atrás. — sua voz me acertou em cheio e fiquei perplexo diante do tom da conversa. Eu esperava qualquer coisa, mas não, que ela, finalmente, quisesse saber sobre. — Se me ama, como diz... Por que? Por que me dizer tudo aquilo? Por que estar com outra justo no dia em que sabia que eu te esperava?

— Gabriela...

— Eu preciso saber. — cortou-me e vi-a respirar profundamente, enquanto parecia se equilibrar de forma péssima em um dos pés.

— Eu te conto tudo o que quiser. — falei, e dei um passo a frente, quase a puxando para mim. — Só não com você assim.

— Eu estou sóbria o suficiente para saber o que for.

— Só está me pedindo isso agora, para poder enterrar a informação. — rebati, e vi em seu olhar, que não estava completamente errado. — Eu sempre vou vir para você, mas eu preciso que também me queira. Não vou falar de algo tão delicado e tão nosso, com você a ponto

de cair da escada.

— Eu não...

No segundo que ela falou, vi-a se desequilibrar e me apressei a segurá-la pela cintura, mantendo-a no lugar.

— *Merda!* — reclamou, e surpreendendo-me, não se afastou de meu toque. — Por que tinha que ser tão bonito? — perguntou, e uma de suas mãos veio para meu rosto, como se admirando tudo que havia nele. — Por que não ser só mais um cara?

Puxei sua mão para meus lábios e depus um leve beijo.

— Vou subir com você e a Nala enrolada na manta. — anunciei, vendo-a me admirar de forma tão aberta, que soube que morreria por aquele olhar em um momento sóbrio. — Você vai direto para o banho, e Nala, vou deixar na sua cama.

— A gente tem uma filha. — anunciou, rindo baixo, e pulando sobre mim, abraçando-me pelo pescoço. Seu cheiro todo se tornando parte de meu ser, e senti o exato momento em que ela tomou uma respiração profunda de meu peito. — Não sabe como doeu sentir seu cheiro, naquele dia, e não ser o seu.

— Menina...

Ela se afastou e depois de muito tempo, vi a dor clara e cortante em

seus olhos. A dor que eu causei.

— Podia só ser um “só te vejo como amiga, Gabriela”, mas não... Foi um combo de tudo que nunca esperei. — confessou, e se afastou de imediato. Quando ela tentou subir um degrau, corri para pegar Nala e voltei para perto dela, no segundo seguinte.

Subimos lado a lado, enquanto meus pensamentos e vontade eram apenas de poder explicar. Se ela ouvisse, quem sabe... Se ela entendesse, quem sabe... Quem sabe, poderíamos ser eu, ela e agora, uma pequena bola de pelos. De repente, via-nos em um panorama tão bonito, que temia dar de cara com a realidade logo mais.

No momento em que abri a porta de seu quarto e ela entrou, vi-me indo até sua poltrona, e depositando a bolinha de pelos, que praticamente ronronava. Quando me virei, vi Gabriela derrubar o vestido no chão, como se não se importasse com minha presença. Sabendo de como ela parecia bêbada e confusa, dei-lhe as costas, e não ousei mover um músculo.

— Eu vou tomar um banho, e depois um café. — falou, e meu coração disparou no peito a cada barulho de algo sendo depositado seja onde fosse, e a imagem daquela mulher, tão íntima de mim, me atingindo em cheio. — Pode me esperar aqui? — sua pergunta soou baixa, e eu, por mais que desejasse negar, devido a forma como ela estava, soube que nunca, em hipótese alguma, conseguiria negar algo a ela.

Não mais.

— Posso.

A resposta saiu livremente, enquanto eu me prendia em tudo de nós. Desejando que “nós” fosse uma realidade.



“Esta é a última vez que você me diz que entendi errado

Esta é a última vez que eu digo que sempre foi você

Esta é a última vez que eu deixo você entrar pela minha porta

Esta é a última vez, não vou mais te machucar”^[26]

Gabriela

Nem a bebida me ajudava a esquecê-lo, na realidade, senti-me ainda mais presa. No segundo em que saí do quarto, em um conjunto de

moletom sem mangas e um short, vi-me procurando-o. Eu já não estava tão alta, e sabia que precisava de um café, e em seguida, saber em que página estávamos.

Aquela situação toda era insustentável.

Tão rápido quanto foi me apaixonar por ele, eu precisava, saber, se poderia, continuar o amando. Entendi, finalmente, que precisava da resposta. Cada fala de meu irmão me aterrorizando a cada momento que olhava para o homem que amava.

— *Antônio está por um jogo, Fábio. Não posso deixar ele vencer.*

— *Se ainda pensa isso dele, então, com toda certeza não sabe nada do que realmente aconteceu.*

O cheiro de café me atingiu em cheio assim que pisei para fora das escadas. Me encaminhei para a cozinha, e não me surpreendendo, vi Antônio servindo-se de uma xícara de café, que pelo que notara, ele acabava de passar.

— Eu ia fazer isso. — falei, e ele se virou. *Nunca conseguiria não ser impactada pela forma como ele me olhava?* — Mas agradeço. — complementei, jogando meus cabelos molhados para trás.

Cheguei perto dele, servindo-me de uma xícara, e ficamos ali, por alguns segundos, apenas encostados contra a mesma bancada.

— Está melhor? — ele perguntou, após o silêncio parecer se estender demais, ao menos, o era para comigo.

— Estou sóbria se é isso que quer saber. — respondi, tomando mais um longo gole do café preto puro, e me afastando da bancada, para ficar frente a frente com ele. — Não pode mais me negar a verdade.

— O que realmente quer saber, menina?

— Quero tudo. — notei a surpresa em seu olhar, e a forma como ele deixou a xícara de lado no mesmo instante. — Quero isso, para que de uma vez, a gente deixe o passado para lá, e possamos seguir nossos caminhos em paz.

— Espero que seu caminho seja comigo. — ele falou e notei o falhar de sua voz, como se estivesse o matando aquilo não ser uma possibilidade.

— Não posso te prometer nada, Antônio. — admiti, mas ainda fugi da realidade, que aquele homem, tinha todo meu ser e coração em mãos. — Eu só quero ouvir a sua versão.

— Não é algo rápido. — falou, e vi-me assentindo. Pulei sobre a ilha da cozinha, e o encarei. Já que demoraria, ao menos, estaria sentada. Temia, que a chance que lhe entregava, bem ali, pudesse ser a última batida que faltava para meu coração quebrar por ele. — Ok, então.

Vi-o levar as xícaras até a pia, e as depositar lá. Ouvi o barulho da água da torneira, e o acompanhei em cada passo que dava.

— Eu vi o seu amor por mim se transformar, e no começo imaginei que fosse apenas uma brincadeira sua. — começou, enquanto ouvi-o lavar a louça, e permaneci ali, olhando-o. — Até o momento em que eu me vi, sofrendo o mesmo processo. Não sei se já parou, por um segundo, para imaginar, mas... Eu sou oito anos mais velho, Gabriela. Tem noção do que foi para mim, um homem feito, sentir que a menina que sempre protegi, de repente, era tudo o que eu mais desejava? Você estava para completar dezoito, e aquilo, me matava por dentro. A culpa de sentir algo assim. A culpa de te querer. — vi-o balançar a cabeça, como se revivendo-a.

— Eu me coloquei no seu lugar, e por isso, esperei até os dezoito para poder falar abertamente do que sentia. Eu sabia, que você nunca, em hipótese alguma, ia admitir que sentia algo antes de eu ser maior de idade.

Vi-o desligar a água e segurar-se contra a bancada.

— A questão era que você não precisava falar. — vi-o negando com a cabeça e o entendi por completo. — Eu via a forma como me adorava com o olhar. Era diferente de antes. Era diferente de tudo. E eu te vi, programando toda sua vida apenas para ficar próxima a mim. Não que eu devesse me incomodar, mas... O seu sonho sempre foi morar aqui, nessa casa. Foi você que, aos doze anos, praticamente fez uma guerra com seus

pais, implorando para que não vendessem a fazenda. E de repente, você ia trabalhar na empresa da família, na cidade grande e... Eu sabia que era por mim.

— Isso é tão estúpido quando dito em voz alta. — falei, sabendo que um dia, parecera apenas um fantoche daquele amor. — E por isso, resolveu destruir tudo de mim justo no meu aniversário? — a pergunta saiu livremente, e ele negou com a cabeça, finalmente me olhando.

— Eu estava a caminho e percebi que... Percebi que se não colocasse um fim, você ia tentar por nós. Você nunca desistiu de nada que deseja, *de nada*. — falou, e me encarou profundamente. — Parei no bar mais próximo e fiquei lá, até tomar coragem de atender o telefone. Eu sabia que era você, porque... Você não ia desistir da gente. Eu apenas me vi dizendo tudo ao contrário do que queria. Queria que você entendesse que não tinha como ser seu, por mais que fosse tudo que eu desejasse.

— Por que só não dizer que não podia, naquele momento? Por que estar com outra e aparecer com o cheiro dela na casa do meu irmão? — vi toda minha raiva crescer e passei as mãos pelo rosto, incrédula. — O que foi fazer lá?

— Eu não estava com ninguém. Lorena apenas me abraçou e até hoje não sei como a foto foi parar numa rede social. Eu fui na casa do seu irmão, porque sabia que você poderia estar lá, e... Eu só queria te ver. —

rebateu, e vi-me olhando como se tivesse três olhos. — *Não me olha assim!* Como se eu tivesse a coragem de mentir para você, depois de tudo.

— Eu não consigo te olhar de outra forma. — admiti, e vi-o suspirar pesadamente. — Se isso for verdade, ainda assim, existiam mil maneiras de não ser meu amor, mas sim, continuar sendo o cara que sempre foi meu amigo. Você sabe disso! — acusei-o, e vi-o, se segurar novamente na bancada.

— Eu sei. — ele falou pesadamente, e vi-o fechar os olhos. — Mas você ia parar? Olha pra mim e me diz se não continuaria com seus planos na capital apenas porque teria a esperança de que eu não estava com você por conta da nossa diferença de idade? — sua pergunta me acertou em cheio e pela primeira vez, vi-me pensando sobre. — Você me conhece melhor do que ninguém. Você sabia, antes mesmo de eu saber, que eu te amava, perdidamente. Não ia desistir da gente se eu não...

— O que? Me destruísse? — minha voz soou mais alta, e ele me encarou, e era clara a dor em seus olhos. — Sabe o quanto me matou por dentro sentir o cheiro dela? Sabe por quanto tempo eu fiquei me perguntando se era mesmo maluca por ver amor nos seus olhos?

— Eu sei que te machuquei. — revidou e me encarou, com a dor exposta. — Sei que isso tudo não justifica o que fiz, mas... Eu tentei, Gabriela. No segundo que a dor nos seus olhos me atingiu, eu soube que

preferia qualquer coisa, a te ver sofrer.

— Era tarde demais. — rebati, e senti uma lágrima descer. De repente, vi-me revivendo cada sentimento.

— Eu sofri cada consequência disso depois. De todas as ligações perdidas, mensagens, ir até a sua casa... Eu só queria te dizer que...

— Me ama? — indaguei, negando com a cabeça. — Por que eu deveria acreditar nisso? Essa versão de nós parece ser em outra vida, Antônio. Você sabia, que era a pessoa que eu sempre contei, em todos os aniversários... Eu sempre te esperei. Eu te esperei até mesmo quando tentei te odiar, do outro lado do mundo. *Tem noção de como eu te amava?*

Minha voz saiu praticamente como um grito de desespero, e vi-me odiando a exposição de tudo aquilo.

— Eu estava lá. — ele respondeu, surpreendendo-me por completo, sem que eu conseguisse compreender. Em meio as lágrimas, vi-o se aproximar, mas não o suficiente. — Eu te vi nos braços dele, quando a meia-noite chegou. Eu te vi o beijando e tudo de mim, morreu ali. Não me diga que você me queria lá naquele dia, Gabriela. Não precisa mentir para mim!

— O que? — minha voz saiu fraca, e vi-o desviar o olhar. De relance, notei uma lágrima em seu rosto e meu coração parou. — Você foi

para a Escócia, no meu aniversário do ano passado?

— Eu implorei ao seu irmão por ajuda, e ele... Ele foi comigo. — soltou o ar com força. — Mas quando eu cheguei, era tarde demais. Então, eu apenas o assisti, cantar parabéns para você no dia seguinte, enquanto eu me afogava no álcool, e tinha certeza de que você nunca mais voltaria.

— Eu não consigo acreditar. — falei, pulando da ilha e andando de um lado para o outro. — Por isso meu irmão não estava na casa dos meus pais durante a vídeo chamada naquele dia... Por isso...

Toda a realidade me batendo, e me vi, lembrando do exato momento que ele falava. *Eu estava bêbada, agarrada a Michael, que fora um cara tão incrível, que me vi querendo me apaixonar assim que coloquei os olhos nele. Contudo, não era os olhos dele que eu desejava.*

Lembrava-me de quando o relógio marcou meia-noite, no meio da rua da pequena cidade. Senti meu corpo todo ser observado, e era exatamente, pela pessoa que precisava. Joguei o pensamento longe, sabendo que era apenas meu coração brincando comigo. Então, agarrei-me aos olhos azuis do desconhecido, que de repente, era minha tábua de salvação. Fazia um ano que Antônio partiu meu coração. E vi-me fingindo, no momento em que Michael me beijou, de que eram os lábios que eu tanto desejava.

No segundo em que voltei para o momento presente, e os olhos de Antônio estavam nos meus, na mesma bagunça que eu me encontrava, soube que por mais que parecesse tarde demais, não o era.

— Eu prometi a mim mesmo que ia te deixar ser feliz. — as lágrimas desciam pelo seu rosto. — Mas quando eu soube que voltou para o Brasil e que não estava com o cara, eu... Eu quis correr para cá. Ao mesmo tempo que, não sabia como ia ser te ver de novo.

— E de repente, apareceu aqui. — concluí e ele negou com a cabeça.

— Eu sempre quis estar, Gabriela. — falou e vi-o olhando para o teto, como se fugisse. — Mas eu não sabia mais como vir até você.

— Por que a gente se machucou tanto? — perguntei, talvez para ele, talvez para mim mesma, talvez para o universo.

— Só sei que eu ainda te amo. — soltou, e veio até mim. No segundo em que sua testa encostou na minha, fechei os olhos, e sua intensidade me atingiu em cheio. — Se por algum segundo, pensar que pode me perdoar, eu vou estar aqui. Se por algum segundo, quando for, pensar que pode me dar qualquer chance, eu venho. Sempre para você. Eu te amo, minha menina.

Ele me deu um beijo demorado na testa, e trocamos um breve

olhar, que de repente, pareceu ser uma vida toda exposta.

No segundo em que se afastou, segurei-me contra a ilha e me vi questionando, quanto tempo, eu ainda me perderia para deixar com que tudo dele, pudesse ser tudo de mim. Ele não sabia, mas eu soube, que o perdoara no segundo em que a vi a dor nos seus olhos por me machucar ser tamanha, que sabia que ele jamais se perdoaria.

Soltei o ar com força, e de repente, apenas joguei tudo para o alto. Vi-me correndo em direção a porta que batera e não pensei mais. Quanto mais pensava sobre nós. Quanto mais planejava sobre, tudo simplesmente se perdia.

Eu precisava dele.

No segundo que coloquei um pé para fora, e o vi parado, à frente da porta de seu carro, como se não conseguindo partir, soube que ele também precisava de mim.

— Príncipe.

A minha voz soou tão baixa e em meio as lágrimas, que eu soube que talvez, depois de tanto tempo, nem soubesse mais chamá-lo pelo apelido cafona que colocara nele, quando ainda era uma menina. Entendi, que desde sempre, a menina dele.

— Gabriela...

— Eu... — fui até ele, e as lágrimas poderiam me cegar de tudo, menos, dos olhos mais lindos que eu conhecera. — Eu te amo. — admiti, e aquelas palavras entaladas e resguardadas por tanto tempo, pareciam ser tudo o que eu precisava. — Eu te amo mesmo quando disse que não. Eu te amo mesmo quando disse que não posso. Eu te amo mesmo quando estava com outro e tudo o que queria, era poder estar com você... Eu te amo, e pelos céus, você nunca mais vai mentir ou esconder algo de mim. Eu te juro, Antônio, se pensar por algum segundo...

Sua boca veio para minha, e vi-me aceitando-o como meu, por completo. A cada toque dele. A cada gemido. A cada palavra sussurrada em meio aos beijos, senti que nada mais importava. Apenas eu e ele.

— Eu nunca mais vou te machucar, eu prometo. — falou, e vi a dor clara que tudo aquilo também ocasionara nele.

— Eu também não. — falei, e beijei levemente suas mãos, puxando-o comigo, para dentro de casa. Quando ele passou a porta, ao meu lado, eu soube que, daquela vez, eu não o deixaria ir. Nunca mais.



— É como um sonho. — sua voz soou baixa e rouca, enquanto eu estava toda nua, espalhada por seu corpo da mesma maneira. O seu olhar me devorava e adorava ao mesmo tempo. O contínuo perfeito de como tudo entre nós poderia ser, quando o passado não pesasse mais. — Te tocar como eu desejo. Te amar como eu sempre quis.

— Se você deixar de ser cafona assim, por um momento... — ameacei-o e vi-me indo para seus lábios, tendo-os em um longo e maravilhoso beijo. *Tudo nele tinha que ser tão bom assim?* Era claro que sim, porque ele era tudo que eu sempre desejava.

— Você me chama de príncipe. — acusou e semicerrei os olhos. — Não vai querer discutir sobre quem é mais cafona. — toquei seus lábios com os dedos, como se fosse possível calá-lo, e vi-o sorrir sob eles.

— Eu vou discutir pelas coisas mais simples e homem, você não sabe *onde está amarrando seu burro*. — brinquei e ele sorriu, puxando-me pelo cabelo e beijando-me.

— Pelo contrário. — tocou meu rosto com carinho e sorriu lindamente, fazendo-me querer mergulhar nele – em todo ele. — Eu sei tudo sobre você.

Ele então me colocou debaixo de si, fazendo-me sorrir e querê-lo de forma tão absurda, que não parecia que tinha passado a última hora sob seu corpo. Era exatamente aquilo. Mais. Sempre mais.

— Tem noção de tudo que quero fazer com você? — indagou, e traçou meu corpo com um dedo, fazendo-me gemer com o mínimo toque, enquanto ele todo se esgueirava sobre mim.

— Se envolver chicotes, algemas ou seda... Estou dentro. — falei, e vi-o puxar o ar com força.

— Vou te castigar tanto... — falou, a voz rouca e sensual, fazendo-me quase puxá-lo de vez para mim. — Mas antes...

Vi-o descer sobre mim, beijando minha barriga, enquanto suas mãos seguravam com força minha cintura. Antes que ele chegasse a seu objetivo, que me faria desmanchar por inteira, um alto miado, fê-lo parar, e eu gargalhei alto, no segundo seguinte.

— Algo na internet indicou que ela teria fome em poucas horas. — falei, e ele veio para mim, dando-me um leve beijo.

— Já temos uma pequena empata foda. — vi-o sorrir e pular da cama. Assisti a cena, daquele homem sexy como o inferno, que me olhou rapidamente, enquanto colocava sua cueca, e em seus olhos, vi todo o amor que antes me neguei a acreditar. Ali, vivo e vibrante. — E vamos

fazer algo para você, bola de pelos.

Vi-o pegar a pequena no colo, e sair do quarto no segundo seguinte. Eu fiquei ali, encarando o teto, pensando se era um sonho. Contudo, assim que cheirei profundamente os lençóis, sabia que não. O cheiro dele todo espalhado pela minha cama. O cheiro dele por todo meu corpo, e pela primeira vez, eu apenas aceitei. Sorri, ao me levantar, e girar pelo quarto.

Era como se eu assistisse aquele amor começar de novo, bem ali. Sem passado. Sem omissão. Sem mentira. Apenas nós.



— Ela está bem, no fim. — falei, sentindo-me aliviada, enquanto encarava a pequena no colo de Antônio, que agora tinha uma coleira, e como sempre, do nada dormia. — E vai comer e ficar forte, para ficar enorme como os dos meus pais.

— Eles vão surtar assim que mandar uma foto dela! — ele falou, enquanto passava uma mão sobre minha cintura, e me puxava para si.

Estávamos caminhando em direção ao seu carro, depois de levar a bolinha de pelos para a veterinária e felizmente, só ter notícias boas. De repente, era fácil, estar ali com ele. De repente, era tudo tão simples.

Vi-o abrir a porta do carona para mim, como o cavalheiro que sempre foi, e sem mais precisar me esconder, vi-me derretendo por completo. Ele conseguia enxergar em mim, que cada ação dele, sempre me atingiu intensamente.

— Você vem com a mamãe. — falei com uma voz anasalada, e o ouvi sorrir baixo, enquanto eu pegava Nala, e o olhava de forma dura. Ele era outro derretido por ela.

— *Eu não to acreditando!*

O grito tão familiar me fez parar, no segundo em que depositava um leve beijo nos lábios de Antônio. Virei-me, para ver Ane correndo até mim, como se querendo socar a minha cara, e quando parou, olhando entre nós, parou por um segundo na gata, e soube que era um dos seus pontos fracos – ela amava animais.

— Ane! — ouvi o grito de meu irmão mais longe, e a cena era uma comédia pura.

— Ok, então... vocês se acertaram? — perguntou de imediato, trocando um olhar significativo comigo. Ela sabia, apenas por me olhar,

que eu tinha feito uma escolha.

A vi então se virar para Antônio o encarar com determinação.

— Eu juro, que se pensar por um segundo, em machucá-la. Cara, eu acabo com a sua vida! — acusou, colocando um dedo no peito dele, e olhei para meu irmão, que segurava uma risada, assim como eu. Antônio a olhou e pareceu entender perfeitamente o que ela fazia.

— Sei que não gosta de mim, Ane. Por um bom tempo, nem eu mesmo o fiz. — ele falou, e ela o encarou com atenção. — Mas eu amo essa mulher, e eu juro, que não tem porque se preocupar.

— Ok. — ela falou, suspirando pesadamente. — Agora, alguém pode me dizer, de onde saiu essa coisa mais fofa do mundo? — ela perguntou, passando a mão em Nala, e parecendo querer roubá-la para ela.

— Cara, vocês adotaram um gato. — meu irmão falou, e o vi cumprimentar Antônio. — Eu fiz uma aposta com Ane, de que te encontraria no bar chorando as mágoas.

— Aliás, você me paga! — deixei Nala com Ane, que a acariciava com tanto amor, que já sabia que minha gata tinha uma madrinha. — Como teve coragem de ir para Escócia e não me ver?

— Eu...

— O que? — Ane perguntou, e vi a confusão em seus olhos.

— Acho que preciso te contar algumas coisas. — falei, e ela assentiu, olhando para meu irmão como se a ponto de atacá-lo por não saber sobre. De repente, vi que outra história ainda precisava ser finalizada. A minha, no caso, apenas estava começando.

O momento que ela soube

“Eu achava que o amor seria vermelho flamejante

Mas é dourado

Como a luz do dia, como a luz do dia

Como a luz do dia, luz do dia”^[27]

Dias depois

Ainda não era o dia dela.

Gabriela acordou e ao buscar Antônio ao seu lado, sentiu apenas os lençóis vazios e frios. Abriu os olhos, sabendo que aquele seria um longo dia, e que, dali uma semana, além do aniversário dela chegar, ele voltaria ao trabalho. Já tinham conversado sobre e de como seria.

No entanto, por mais que fosse difícil conseguir conciliar os finais de semanas juntos, porque a vida de cada um acontecia em lugares diferentes, ela tinha seu coração em paz. Depois de tanto tempo, seu

coração estava em paz.

Um miado veio como um bom dia, e ela sorriu, ao sentir Nala pulando sobre si, e vindo diretamente para seu rosto, dando-lhe carinho. Aquela gatinha era o complemento perfeito que ela nem sabia que precisava.

— E onde está o seu pai, em? — perguntou para a pequena, que logo pulou no chão e viu-a correr em direção a porta, arranhando-a. Gabriela então puxou seu robe da poltrona e o colocou, enquanto abria a porta para a bola de pelos, que logo disparou para o corredor. Era possível ouvir as patas da gata contra a madeira.

Depois de escovar os dentes, ela saiu do quarto, e olhou em direção ao corredor, torcendo para não encontrar qualquer outra cena proibida do irmão com sua melhor amiga. Os dois, quando não estavam brigando por aí, estavam se atracando por todos os cantos da casa. Naquele final de semana, eles estavam ali novamente, e Gabriela tentava tirar da mente, a cena que lhe atormentara desde que viu os dois quase transando na cozinha.

— Ai, credo. — Gabriela falou para o nada, e assim que chegou no topo das escadas, estranhou a quietude de toda a casa.

Quando pisou no chão da sala de estar, se surpreendeu com uma

chuva de purpurina, confetes e serpentina. De repente, era como se ela estivesse em pleno carnaval.

— O que...

— Eu sei que não é seu aniversário. — a voz soou baixa, e ela finalmente o notou, vindo com um bolo em mãos, enquanto o irmão mais velho dela, começava a bater palmas. — Mas, eu acho, que preciso te dar uma lembrança de nós, que não seja, a qual não estive.

— Antônio...

— *Parabéns pra você!* — Ane berrou junto ao irmão, e ela ficou parada, enquanto via a melhor amiga filmar a cena, e ela não conseguia desviar os olhos de Antônio.

Os parabéns foram como sempre, uma canção rápida, e ela se viu gargalhando e sorrindo, e quase pulando sobre o homem que amava, porque queria lhe abraçar.

— Faz um pedido! — ele falou e ela soube, que não tinha mais nada o que pedir. Porque, ali, cercada de tanto amor, ela tinha tudo. Soprou as velas, e desejou, que momentos como aquele, pudessem ser eternos.

— O primeiro pedaço! — Ane se pronunciou, pegando o bolo das mãos de Antônio, e a viu indo até a mesa da sala de jantar, que ficava mais afastada, e tinha vários doces e uma decoração na cor vermelha – a cor

favorita dela.

Focou em conseguir cortar o bolo, e viu a câmera agora na mão de seu irmão, que focava e desfocava nela, claramente, tentando irritá-la. Quando buscou o olhar de Antônio, para encontrar nele, aquela conexão que apenas eles tinham, não o encontrou. Se virou, e quando o olhou, viu-o ajoelhado, com uma caixinha de veludo na cor vermelha.

— Essa é a minha parte favorita. — Ane falou, mas de repente, tudo ficara em mudo. Ela apenas conseguia olhar para ele.

— Eu sempre te contei a história desse relógio. — admitiu, surpreendo-a por completo, quando abriu a caixinha e era o relógio que ela sabia, tinha um significado maior do que qualquer diamante. — Eu soube que ele seria seu, um dia.... Soube disso quando descobri que eu te amava, perdidamente. Sei que não posso mudar o nosso passado, mas eu quero que saiba, que qualquer dia, que seja, eu vou estar aqui. E eu quero todos eles ao seu lado, até o fim da vida, minha menina.

— Príncipe...

— Gabriela Moraes, aceita se casar comigo?

Foi naquele momento que ela soube. O amor deles poderia ser ardente, crescente e pulsante como vermelho, contudo, ali, vendo a luz do sol entrar, e sabendo que ele brilhava mais do que qualquer estrela que ela

admirava, ela soube – também era dourado.

Foi naquele momento que ela soube, que ele não fazia aquilo no seu aniversário, justamente, porque ele queria que ela entendesse, que sempre, todos os dias, seriam deles. Compartilhados por eles. Ela não precisava sequer dizer sim, mas viu-se gritando a resposta, enquanto se jogava sobre ele, e era levantada em seu colo no segundo seguinte.

O amor poderia ser cruel, doloroso e atormentador em alguns momentos, mas não era o cerne do sentimento. O amor, sem qualquer mentira, passado ou ferida, era aquilo – simples, ardente e intenso. E era o tipo de amor, que eles encontravam. E era o tipo de amor, que qualquer pessoa, buscava conhecer. Dentro de um clichê ou não, Gabriela sabia, que a história de amor dela, pertencia a eles, e aquilo, bastava.

Fim

E chegamos ao fim, e eu espero que de alguma forma, Toni e Gabi tenham conquistado o seu coração, ou quem sabe, te deixado com um quentinho que há muito tempo não encontrava. Sei também que, dá saudade assim que a gente lê “FIM”, porém, queria dizer que caso se interessem, poderemos ver um pouquinho mais deles no livro do casal secundário desse livro – Fábio e Ane. Não sei, apenas jogando para vocês, para me contarem, se gostariam de saber, se o clichê da melhor amiga de Gabriela, teve um fim tão fofo e querido quanto o dela.

Caso tenha gostado da leitura, não esqueça de deixar sua avaliação. Ela é muito importante para que a história chegue a outras pessoas e desperte interesse nelas. E caso, queira conhecer mais do meu trabalho, recomendo que me encontre nas redes sociais, principalmente, o Instagram (@alineapadua).

Muito obrigada por chegar até aqui

Espero te ver em outras histórias 💎💎

Com amor,

Aline

Contatos da autora

Instagram: @alineapadua

Wattpad: @AlinePadua

Facebook: Aline Pádua

Grupo do facebook: Romanceando com Aline Pádua

Meus outros livros: [aqui](#)

[1] Trecho da canção intitulada The Moment I Knew da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[2] Trecho da canção intitulada it's time to go da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: evermore, data de lançamento: 2020.

[3] Ditado popular brasileiro que descreve uma situação de indecisão.

[4] Trecho da canção intitulada Mr. Perfectly Fine da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Fearless (Taylor's Version), data de lançamento: 2021.

[5] Trecho da canção intitulada Almost Do da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[6] Trecho da canção intitulada Red da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[7] Trecho da canção intitulada Holy Ground da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[8] Trecho da canção intitulada OBRIGADA POR ESTRAGAR TUDO da artista brasileira Marília Mendonça – álbum: Todos Os Cantos, Vol. 1 (Ao Vivo), data de lançamento: 2019.

[9] Trecho da canção intitulada De Quem é a Culpa? da artista brasileira Marília Mendonça – álbum: Marília Mendonça (Ao Vivo), data de lançamento: 2017.

[10] Trecho da canção intitulada Treacherous da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[11] Trecho da canção intitulada Stuck On You do artista norte-americano Giveon – álbum: When It's All Said And Done... Take Time, data de lançamento: 2021.

[12] Trecho da canção intitulada All To Well da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[13] Trecho da canção intitulada Treacherous da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[14] Trecho da canção intitulada State Of Grace da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[15] Trecho da canção intitulada Escreve Aí do artista brasileiro Luan Santana – álbum: Acústico, data de lançamento: 2015.

[16] Trecho da canção intitulada Wildest Dreams da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[17] Trecho da canção intitulada State of Grace da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[18] Trecho da canção intitulada 'tis damn season da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: evermore, data de lançamento: 2020.

[19] Trecho da canção intitulada You All Over Me da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Fearless (Taylor Version), data de lançamento: 2021.

[20] Trecho da canção intitulada Come Back... Be Here da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[21] Trecho da canção intitulada Eu Sei De Cor da artista brasileira Marília Mendonça – álbum: Marília Mendonça (Ao Vivo), data de lançamento: 2017.

[22] Trecho da canção intitulada Everything Has Changed da artista norte-americana Taylor Swift feat. Ed Sheeran – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[23] Trecho da canção intitulada Notificação Preferida da dupla sertaneja brasileira Zé Neto e Cristiano – álbum: Esquece o Mundo Lá Fora (Ao Vivo), data de lançamento: 2018.

[24] Trecho da canção intitulada Caso Indefinido do cantor brasileiro Cristiano Araújo – álbum: Continua, data de lançamento: 2013.

[25] Trecho da canção intitulada Vanish do artista norte-americano Gideon – álbum: Take Time, data de lançamento: 2020.

[26] Trecho da canção intitulada Last Time da artista norte-americana Taylor Swift feat. Gary Lightbody – álbum: RED, data de lançamento: 2012.

[27] Trecho da canção intitulada Daylight da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Lover, data de lançamento: 2020.